



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE HISTÓRIA**

CÁSSIA LUZIA LOBATO BENATHAR

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DE JUDEUS EM GURUPÁ: UM ESTUDO
DE CASO A PARTIR DOS ABEN-ATHAR (1890-1900)**

**BREVES-PA
2015**

CÁSSIA LUZIA LOBATO BENATHAR

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DE JUDEUS EM GURUPÁ: UM ESTUDO
DE CASO A PARTIR DOS ABEN-ATHAR (1890-1900).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Graduação em Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Msc. Tiago Barros Ferreira.

CÁSSIA LUZIA LOBATO BENATHAR

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DE JUDEUS EM GURUPÁ: UM ESTUDO
DE CASO A PARTIR DOS ABEN-ATHAR (1890-1900).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Graduação em Licenciatura Plena em História.

Data da defesa: ____/____/____.

Conceito: _____.

Banca Examinadora

Prof. MSc. Tiago Barros Ferreira - Orientador

Prof. Dr. Ernani Chaves - Examinador

Prof. Msc. Dione Leão - Examinador II

Atribuo o sucesso deste estudo especialmente ao meu querido e saudoso avô, Wilson Jacob Benathar (*In memoriam*), enternecido em minhas lembranças, e em nossas conversas sobre a sua origem, inconscientemente me instigou a pesquisar, de forma mais aprofundada, a procedência dos judeus no município de Gurupá. Ele, um baluarte da história gurupaense e exemplo de pai, avô e de hombridade, que pelas suas ações me ensinou com humildade e grandeza de caráter a trilhar o caminho da vitória. A esse homem dedico o meu trabalho, em reconhecimento à memória dos imigrantes judeus que cruzaram o Atlântico em busca da Terra Prometida.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a Deus pela vida.

Logo, estendo o meu profundo agradecimento à Faculdade de História da Universidade Federal do Pará (UFPA), pela contribuição essencial ao meu desenvolvimento intelectual para uma formação profissional de qualidade no curso de História.

Aos meus amados filhos Jacob Marcos Benathar e Laís Valentina Benathar, a minha maior riqueza, eternos companheiros, além de compreensivos pela minha ausência durante o curso, que terão a minha eterna gratidão e amor incondicional.

A meu pai, Hamilton Benathar, e minha mãe e amiga Luiza, pelo seu amor, compreensão e por estar sempre presente em cada momento da minha vida, dividindo as aflições, incertezas e conquistas, mãe guerreira, a você o meu eterno amor.

Aos professores que contribuíram para a minha formação ética e profissional, compartilhando seus saberes e experiências para que eu atingisse meus objetivos; especialmente aos mentores que me honraram com sua amizade, professor Agenor Sarraf Pacheco, conterrâneo marajoara, que fala de sua paixão “por campos e florestas” através do ensino/aprendizagem, e professor Márcio Couto Henrique que, com suas verdades “sutis” me fizeram ter confiança no meu desenvolvimento acadêmico. Aos professores Ivo Pereira da Silva, Antônio Maurício da Costa, Carlos Leandro, Sílvio Rodrigues, Eliana Ramos, Luís Airoza, e Marinelma Meireles, cuja humildade e compromisso enriquecem os conhecimentos nesse pedaço de Brasil.

À professora Patrícia Cavalcante, que acreditou nas minhas indagações e me incentivou a ir adiante com os projetos de ressignificar a passagem dos judeus na história de Gurupá.

Um eterno “muito obrigada” ao meu orientador, professor Tiago Barros Ferreira, pelo incentivo para levar adiante o estudo do tema e pelas inúmeras contribuições no decorrer deste trabalho, cuja inspiração e paixão pela História é contagiante. Obrigada caríssimo, pelo tempo dedicado com atenção, pelas críticas e sugestões que foram essenciais nesta produção, e pela sua seriedade, generosidade e consideração.

Minha gratidão aos meus irmãos, pelo estímulo e apoio nos tempos difíceis, a eles: Márcia e Larissa, pelo auxílio nas pesquisas documentais e pelas hipóteses levantadas; Mauro, por corrigir meus erros de ortografia; Sthéfano, Martha e Wilson, que mesmo estando distantes torceram pelo meu êxito. Estendo os meus agradecimentos a minha sobrinha Zaira, que me acompanhou e auxiliou muitas vezes na análise e transcrição dos documentos. Enfim, aqui reitero o meu profundo respeito a todos eles, que enaltecem as minhas descobertas.

A todos que contribuíram com informações, entrevistas e outros dados que foram de extrema relevância para a construção deste trabalho: Senhores Antonio Sabóia Filho, Manoel Mendes da Costa, Raimundo Sicsú, tios Menahen Benathar e Moisés Benathar; ao senhor Dico Camarão e esposa, Raimunda Benayon, tão solícitos e prestativos com as minhas indagações; e ao Adelino Pantoja, como sempre, tão gentil e humilde, embora seja uma fonte inesgotável de histórias. E a todos aqueles que não foram citados aqui, o meu afetuoso muito obrigada!

Sou, imensamente, grata aos meus companheiros de militância Sandro Pimentel e Gilmar Araújo pela consideração e sensatez que lidaram com a minha dedicação para com esta produção.

Este estudo também só foi possível graças à gentileza e compreensão do meu tio Wilton Lobato, responsável pelo Cartório Lobato, lócus de minhas análises documentais, por disponibilizar os arquivos que me forneceram as valiosas evidências para que eu pudesse avançar nas pesquisas.

Não posso deixar de agradecer à dona Irene Ferreira, pelo acolhimento em sua casa e por me receber com inquietações, cuidado e dedicação, além de me proporcionar momentos de distração e tranquilidade durante o nosso convívio. Obrigada pela confiança.

À família que construí no decorrer da graduação, amizades que cultivei e que levarei para toda a vida, tais como: Danielson Silva, Leíde Miranda, Luis Medeiros, Jones da Silva, Ceandra Sales, Francilau Pinheiro, a quem sou grata pelo companheirismo e que, sem dúvida, nos momentos difíceis estavam presentes para me encorajar.

À Andréia Barbosa, pessoa que aprendi a admirar pela força e determinação, nos vários momentos que estivemos juntas nos arquivos do cartório. A Ana Cristina Martins, Benigno Machado, Ronaldo Dias, Anazildo Almeida, Aderlan Martins, Odarlenice Martins, Valdemir, Aldaleia, Benedita Medeiros, Edivaldo Mendes, David Nogueira, Antônio Geraldo, Lucineia Castor, Benísia Souza, Justina Ferreira, Bernadete Pastana, Fernanda Pinto, Misael Martins, Fábio Roberto e Zilma Barbosa, agradeço pelo aprendizado e socialização de ideias durante a nossa convivência, com o compromisso de lutar por uma educação de qualidade nos caminhos que iremos trilhar, defendendo nossos ideais com perseverança e consistência.

À inesquecível professora Sônia Amaral, por todo o incentivo e amizade que dedicou a nossa turma. Agradeço igualmente aos demais professores: Helder Ângelo, Pere Petit, William Gaia, Tiago Porto, Adilson Brito, Alan Cristian, Ana Carolina, Iane Silva, Diogo Camelo, Karl Arns, entre outros, pois considero gratificante contar com pessoas que nos apoiam e nos oferecem um horizonte possível. A todos vocês, meus sinceros agradecimentos.

“A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.”
(Jacques Le Goff)

RESUMO

Este trabalho trata da presença dos judeus de origem marroquina no município de Gurupá, no final do século XIX, período áureo da produção de borracha na região. Para tanto, foram utilizadas fontes documentais que permitiram perceber a movimentação de compra e venda de terras, hipotecas e a entrada de mercadorias nos estabelecimentos comerciais sob o controle dos judeus nos espaços rurais e urbano, assim como análises em arquivos pessoais em poder dos descendentes desses imigrantes e, do mesmo modo, a apreciação de dados coletados a partir de documentos de aforamento de terras fornecidos pelo ICMBio/Gurupá. Além dessas fontes, foram utilizados os relatos de memórias daqueles que vivenciaram essas experiências, mediadas pela metodologia da história oral, bem como informações coletadas nas redes sociais para localização e aproximação dos descendentes desses migrantes. E, por fim, enfatizamos o movimento de inserção social dos Aben-Athar nos espaços da cidade, destacando a influência política da família na história de Gurupá e sua importância na formação da identidade local.

Palavras-chave: História de Gurupá. Judeus. Aben-Athar. Memória. Identidade.

ABSTRACT

This work is about the presence of the Jews from Morocco in Gurupá in the end of the century XIX golden period of the production of the rubber in the area. In order to do that they were used documental sources that they allowed to notice the purchase movement and sale of lands, mortgages and the entrance of goods in the commercial establishments under the control of the Jews in the rural and urban spaces, as well as analyses in personal files in these immigrants' descendants possession and, in the same way, the appreciation of data collected starting from documents of land delivery supplied by ICMBio/Gurupá. Besides those sources, the reports of memoirs were used of those that lived those experiences, mediated by the methodology of the oral History, as well as information collected in the social nets for the location and those migrants' descendants approach. And finally, we emphasized the movement of insert of Aben-Athar in the spaces of the city, point out the family policy influence in Gurupá history and its importance in the local identity formation.

Key-words: Gurupá History. Jews. Aben-Athar. Memory. Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa do município de Gurupá	19
Figura 2 - Esquina da “Casa Borrvalho” (esquerda), propriedade de Liberato Borrvalho, ao fundo o Trapiche Municipal. Gurupá: 1948	23
Figura 3 - Interior da “Casa Borrvalho”. Da esquerda para a direita: Raimunda Tavares (Diquinha), José Maria Pereira, Oscar Santos e Atetônio Palheta. Gurupá: 1948	24
Figura 4 - Vila de Carrazedo, Gurupá (PA).....	28
Figura 5 - Livro de Notas da Loja “Formosa Gurupaense”, ano 1894.....	30
Figura 6 - Casa da família Castiel, localizada na esquina da primeira rua, também chamada de “Rua dos Judeus”, hoje, Avenida São Benedito. Gurupá, 1948	34
Figura 7 - Família Castiel. As esquerda para a direita: Syme, Lolita, Alegria e Samuel; crianças: Mimon, Samuel, Auristênio, Haroldo e Ênio. (Moisés ainda não havia nascido).....	35
Figura 8 - Rafael Castiel e esposa Marize Magalhães. Gurupá, Pará (1944).....	38
Figura 9 - Jacob Marcos Benathar	48
Figura 10 - Francisca Abrantes e filhos. Da esquerda para a direita: Francisca, Sarah, Lucy, Néelson, Ruth, Wilson, Dulce, Esther e Judith.....	49
Figura 11 - Ruína da casa de Jacob Marcos Benathar. Localizada na primeira rua, em Gurupá.....	50
Figura 12 - “Vila Benathar”, antigo local da residência de Jacintho Jaime Aben-Athar. Ao fundo, as ruínas da casa de Jacob Marcos Benathar	51
Figura 13 - Da esquerda para a direita: José Jacintho Aben-Athar, José Maria Barbosa, Lopo de Castro, Alarico Barata. Belém, 1951	57
Figura 14 - Unidade Mista Jayme Aben-Athar. Hoje Hospital Municipal de Gurupá, 1998	58
Figura 15 - Jayme Aben-Athar	59
Figura 16 - Wilson Jacob Benathar e família. À esquerda, a irmã Deborah e a esposa Ináh; à direita, seu filho Hamilton. Belém, 1957	62
Figura 17 - Pedra tumular com inscrições em hebraico, no cemitério dos judeus em Gurupá	71
Figura 18 - Lápide com inscrições em hebraico no cemitério dos judeus em Gurupá	73
Figura 19 - Lápide com inscrições em hebraico e português no cemitério dos judeus em Gurupá	73

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Demonstrativo de judeus proprietários de seringais	33
Quadro 2 - Demonstrativo de uniões conjugais	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 O LONGO EXÍLIO AMAZÔNICO	17
1.1 GURUPÁ: A PROMESSA ANUNCIADA	18
1.1.1 A ascensão pelo comércio: entre a gentileza e a sedição	21
1.1.2 Rio adentro.....	38
1.1.3 Todos semos Hijjoz ded Dio.....	44
2. A JORNADA DOS JUDEUS EM GURUPÁ	46
2.1 – OS BENATHAR NOS ANAIS DA HISTÓRIA GURUPAENSE	47
2.1.1 – Wilson Benathar: coragem e compromisso	61
2.2 – MEMÓRIA E IDENTIDADE JUDAICA.....	65
2.3 – CEMITÉRIO DOS ISRAELITAS DE GURUPÁ.....	70
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	79
FONTES DOCUMENTAIS	82

INTRODUÇÃO

Em mais de quatro séculos de história, o território de Gurupá esteve envolto em muitos conflitos, que remontam desde a incursão holandesa, perpassando pela conquista lusitana na região amazônica, que vão do século XV ao XVII. Este último século representa o período no qual o território ficou marcado como um ponto estratégico para a efetivação do projeto de colonização portuguesa, assim como muitas outras possessões ao longo do caudaloso rio Amazonas. Na região do município contava-se com uma população baseada na mistura de indígenas e colonos, e esta cresceu à sombra da fortaleza erguida pelos holandeses, que no século XVI passou ao domínio português.

O município de Gurupá está localizado na região das ilhas, à margem direita do rio Amazonas, na mesorregião do Marajó, e tem como principais acidentes geográficos o rio Amazonas, a Ilha Grande de Gurupá e as Ilhas de Urutaí e Gurupaí. Por via fluvial, a cidade fica a uma distância de 353 km, em linha reta, da capital do estado do Pará. O último censo apontou para uma população aproximada a 29.062 habitantes (IBGE, 2010), sendo que a maioria está concentrada na zona rural, um fato recorrente na história do município.

A importância de discorrer sobre esta temática provém da carência de informações referentes ao período que compreende ao final do século XIX e início do XX na história de Gurupá, no que tange à contribuição da raiz judaica na formação populacional do município, considerando a dessemelhança no modo de vida desses imigrantes, na conduta fundamentada na lei de Moisés, num ambiente, socialmente e essencialmente, constituído por raízes cristãs, para que essa pátria judaica, em meio às ocorrências desse momento, seja valorizada como mais um capítulo na sua longa trajetória gurupaense.

Além disso, este trabalho possibilitará compreender como os descendentes de judeus apreendem essa memória, de modo que o registro desses imigrantes por essa região traz, à luz da história, um movimento de resistência numa trajetória de vida que influenciou os rumos da história de Gurupá, e na qual foram submergidos pela pujante manifestação dos movimentos sociais, acalorados pelos conflitos políticos atuais, bem como pelas histórias dos grandes homens, que reprimem as experiências de pessoas ditas comuns.

Nesse sentido, Peter Burke (1992) afirma que a abordagem da história vista de baixo vai além da perspicácia do pesquisador, pois busca retratar e inserir na história sujeitos que estavam à margem dela.

A importância da história vista de baixo é mais profunda do que apenas proporcionar aos historiadores uma oportunidade para mostrar que eles podem ser imaginativos e inovadores. Ela proporciona também um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido, ou que nem tinham conhecimento da existência de sua história. (BURKE, 1992. p. 59).

Com esta pesquisa, pretendo assinalar nos anais da história de Gurupá a presença ativa e funcional dos judeus, num período em que o município se tornara um importante porto de escoamento da produção do látex, entendendo o favoritismo dessas terras por parte desses imigrantes, pela esperança de prosperidade e liberdade religiosa, segundo a promessa bíblica da “terra prometida” (BENCHIMOL, 2008. p. 71).

Diante disso, vislumbramos em Gurupá uma memória significativa em relação aos tempos de riqueza advinda da comercialização da borracha, bem como a trajetória das famílias hebraicas, como foram identificadas no município.

Partindo desta perspectiva, na realização desse estudo foram analisados documentos cartoriais – registros de nascimentos, óbitos e de hipotecas; e livros de notas, inventários de famílias contendo fotografias, livros, jornais e documentos pessoais, cruzando as informações com os dados fornecidos por órgãos públicos, como o ICMBio de Gurupá. Do mesmo modo, recorreremos à oralidade como uma fonte de extraordinária relevância para a consolidação dos elementos constitutivos deste estudo, considerando a subjetividade impregnada na memória dos entrevistados. Neste aspecto, Alessandro Portelli (1997) alerta que a experiência vivenciada não é mais o “fato concreto”, a fonte é a memória, no entanto, segundo o autor:

A responsabilidade pela interpretação, é óbvio, não chega a reivindicar, para as nossas interpretações, acesso complexo e exclusivo à verdade. [...] Assim, sejam quais forem as intenções que tivemos, o trabalho que realizamos adquire uma dimensão dialógica intrínseca, na qual nossas interpretações e explicações (expressamente claras) coexistem com as interpretações contidas nas palavras que reproduzimos de nossas fontes e, ainda, com as interpretações que os leitores delas fazem. (PORTELLI, 1997, p. 27).

Ainda nessa discussão, agreguei às demais fontes citadas, as informações obtidas a partir das redes sociais – Facebook e WhatsApp, através das quais foi possível conhecer e reencontrar os descendentes dos Aben-Athar, que me repassaram dados e outras fontes, como subsídios admissíveis para o desenvolvimento da pesquisa, bem como para esclarecer questões ocultadas pelos acontecimentos históricos, referentes as suas raízes judaicas. Quando eles chegaram à Amazônia? Quais motivos levaram à saída de seu país de origem? Por que vieram para esta região, visto que muitos dos judeus imigrantes europeus permaneceram no sudeste brasileiro, lugares considerados prósperos pelas suas condições políticas e financeiras?

Na oportunidade, estreitamos as relações com as comunidades judaicas empenhadas na defesa daqueles que se identificam como judeus, porém encontram dificuldades de ascender à fechada congregação israelita, como os *bnei anussim*, ou “cristãos-novos”; sem falar de Rita Benhatar, aceita na aliança judaica portuguesa e alega descender dos Aben-Athar, que muito auxiliou nas traduções das lápides existentes no cemitério judaico de Gurupá, considerado como a maior referência da presença de imigrantes judeus nessa região.

A todos esses procedimentos foram associados os fundamentos teóricos que me permitiram adentrar no universo investigativo da história e das particularidades da oralidade, para que a construção do texto evidenciasse a “História e memória de judeus em Gurupá: um estudo de caso a partir dos Aben-Athar (1890-1900)”, entre muitos autores, destaco as produções de Samuel Benchimol, com sua obra clássica, “Eretz Amazônia”, que trata da grande migração judaica para a região no século XIX; Jacques Le Goff, em “História e Memória”, para a discussão dos estudos de memória, bem como, Michael Pollak, com “Memória e Identidade Social”, corroborando com os debates sobre a construção de uma identidade a partir das experiências vividas e/ou herdadas; Alessandro Portelli em “A filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”, para a fundamentação dos procedimentos orais; Jim Sharpe, em “A História vista de baixo”, evidenciando os sujeitos comuns da história, e, por fim, Charles Wagley em “Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos”, uma referência que revela dados etnográficos sobre o município de Gurupá, desde a colonização europeia, perpassando pela grande exploração e depressão da borracha, nos séculos XIX e início o XX.

Para tanto, a monografia foi estruturada em dois capítulos, possibilitando que a temática fosse mais bem explorada e visando uma leitura satisfatória.

No capítulo 1, “O longo exílio amazônico”, apresento a região amazônica como a Terra Prometida para os judeus sefaraditas oriundos da região do Marrocos, no final do século XIX. Destaco o município de Gurupá como uma terra promissora, a partir dos seus extensos seringais, o que veio propiciar a ascensão comercial e financeira desses judeus, ocasionando problemas com uma elite agrária já existente naquela região. Discuto os artifícios criados por essas famílias judaicas para um “viver judeu” em meio à diversidade da região, que vão desdobrar-se nas alianças políticas e sociais, reconfigurando o cenário gurupaense.

No capítulo 2, “A jornada dos judeus em Gurupá”, exponho a trajetória dos judeus que permaneceram após o declínio da borracha, abordando o universo político-social no qual os judeus foram investidos, dando ênfase aos Aben-Athar, encetando a história e a proeminência social desta família. Além disso, neste capítulo destaco a memória e a identidade judaica

como um legado desses imigrantes aos seus descendentes, assim como o cemitério dos israelitas de Gurupá, assinalado como o maior referencial da presença judaica no município.

Diante disso, nas considerações finais deste estudo, enfatizo a presença sólida dessas famílias sefaraditas no município de Gurupá nos anos finais do século XIX, ainda que atraídos pela fartura extrativista que a terra oferecia, consolidaram uma espantosa rede de relações sociais, possibilitando, por fim, registrá-los na história, percebendo-os como raízes formadoras da população gurupaense.

1 - O LONGO EXÍLIO AMAZÔNICO

Eu darei toda a terra que você está vendo, a você e a sua descendência, para sempre. Tornarei a sua descendência como a poeira da terra: quem puder contar os grãos de poeira da terra, poderá contar seus descendentes. Levante-se, e percorra esta terra no seu comprimento e na sua largura, pois eu a darei a você. (GÊNESIS, 13:15-17)¹

Na vasta imensidão do vale amazônico, a história de um povo marcado pelo exílio bíblico vai se deparar com a promessa anunciada no Gênesis. No início do século XIX, esta região torna-se o cenário da imigração de um grupo singular de estrangeiros: as famílias judaicas de origens distintas, oriundas principalmente do Marrocos, que vieram na esperança de encontrar nessas terras a liberdade que lhes foi privada ao longo de sua história, somado a isto as aspirações de uma vida próspera que a Amazônia oferecia, materializando o sonho de fazer fortuna na busca por trabalho nesta região (BENCHIMOL, 2008, p. 68).

Porém, foi somente na segunda metade do século XIX que a região testemunhou a intensificação do fluxo migratório, com a entrada, além de outra leva de imigrantes judeus, mas também de nordestinos e outros estrangeiros², e isso só foi possível com a ascensão do comércio internacional do látex produzido na Amazônia, uma resina branca e viscosa extraída da seringueira (*Hevea brasiliensis*), árvore comum nas regiões de várzea.

Esta migração passou a ser vista como a solução para o problema da escassez da mão de obra no vigoroso ciclo econômico da borracha (SARGES, 2010, p. 96), como também a origem da formação populacional na Amazônia. Segundo a análise de Keila Aguiar (2010):

É impossível pensar a *formação da Amazônia*, parafraseando Samuel Benchimol, sem perceber a diversidade de crenças, de culturas, de etnias, de religiosidade e de nacionalidades que compõem esta colcha de retalhos que é nossa região. (AGUIAR, 2010, p. 82).

É neste contexto do desenvolvimento da goma elástica que o município de Gurupá assiste à chegada das famílias judaicas sefaraditas (de Sfarad/Espanha) procedentes de Tanger e Têtuân, no Marrocos, norte da África (WAGLEY, 1977, p. 64).

¹ Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. Ed. Paulus. São Paulo, 1990.

² O fenômeno na Amazônia alcançou um caráter extraordinário, proporcionada pela generosa ascensão da extração do látex, de tal modo que a região avivou e fortaleceu os sonhos de centenas de pessoas que ambicionavam fazer fortuna ou até mesmo fugir das mazelas impostas pelas desigualdades sociais. ALENCAR, Edna Ferreira. Gente de todas as paragens: retratos da imigração no Pará. In: Migrações na Amazônia. Coleção fronteiras Impertinentes. (Org.) CANCELA, Cristina Donza e CHAMBOULEYRON, Rafael. Editora Açai, 2010. p. 112-113.

1.1 - GURUPÁ: A PROMESSA ANUNCIADA

Na região de Gurupá, em meados do século XIX, calcula-se que a população oscilava entre “brancos, mestiços e ‘escravas’³, isto é, indígenas”, num quantitativo de aproximadamente 700 pessoas. Entretanto, décadas mais tarde, com o advento da borracha, era possível registrar as famílias judaicas instaladas nessa região, sendo que a maioria no interior do município, como os Azulay, Cohen, Levy, Alcaim, Castiel, Sicsú, Serruya e Barros, no Rio Moju, situado na Ilha Grande de Gurupá; os Serfaty, no Rio Ipixuna; os Benayon, no Rio Inajá e Carrazedo; os Elzanat⁴, os Bensabath⁵ e os Dabella⁶ (Da Bella) estavam estabelecidos na cidade, estes últimos também possuíam terras no rio Moju⁷.

Os irmãos Marcos Jayme Aben-Athar e Jacinto Jayme Aben-Athar estavam instalados na cidade, porém mantinham propriedades e negociações comerciais no rio Taiassui⁸, igarapé Taperera (Itapereira)⁹ e Ilha Redonda¹⁰, respectivamente.

No mapa cedido pelo ICMBio¹¹ (Figura 1) é possível identificar o rio Moju, situado na Ilha Grande de Gurupá, região de intensa exploração do látex, com grande ocupação de terras pelos imigrantes judeus no final do século XIX. A seta vermelha indica a localização e extensão do rio, que atravessa a ilha de um extremo ao outro, e faz confluências com outros rios, inclusive o rio Taiassui, o que facilitava o escoamento da produção de borracha naquele período.

Na análise dos documentos do ICMBio, alguns registros apontam para a posse de uma grande quantidade de lotes de terras no rio Moju em favor de David José Sicsú, que nunca foram requeridas pelos seus descendentes. Embora o seu neto, Raimundo Correia Sicsú¹², o

³ Charles Wagley usa a expressão ‘escravas’ ao referir-se à população indígena que perdera a sua identidade com a presença do europeu, e passou a ser escravizada pela população mestiça (WAGLEY, 1977, p. 62).

⁴ O nome desta família consta em documentos referentes à escritura de hipoteca em nome de Izaac Marcos Elzanat, no Livro de Escritura, p. 73, ano 1896; Livro de Óbito, nº 235, p. 114-115, ano 1896.

⁵ Conforme Wagley (1977, p. 64).

⁶ Registos sobre esta família surgem na nota de Samuel Benchimol – Eretz Amazônia, e no artigo de Abelardo Santos publicado no Jornal O Liberal, em junho de 1983, em homenagem ao Centenário do Dr. Jayme Aben-Athar.

⁷ PARÁ. CONVÊNIO FASE – CPT - ITERPA. Levantamento dos registros, títulos e processos de concessão de terras pelo estado do Pará município de Gurupá. Título de posse registrado no Livro nº 1, folha 4 e v, de 1892, p. 175. Gurupá, 2004.

⁸ Registro em Livro de Protocolo, nº 3, p. 15 e 16 de julho de 1899. Cartório Lobato.

⁹ Cf. PARÁ. CONVÊNIO FASE – CPT - ITERPA. Título de posse registrado no Livro nº 5, folha 1, de 1894 p. 118. Gurupá, 2004.

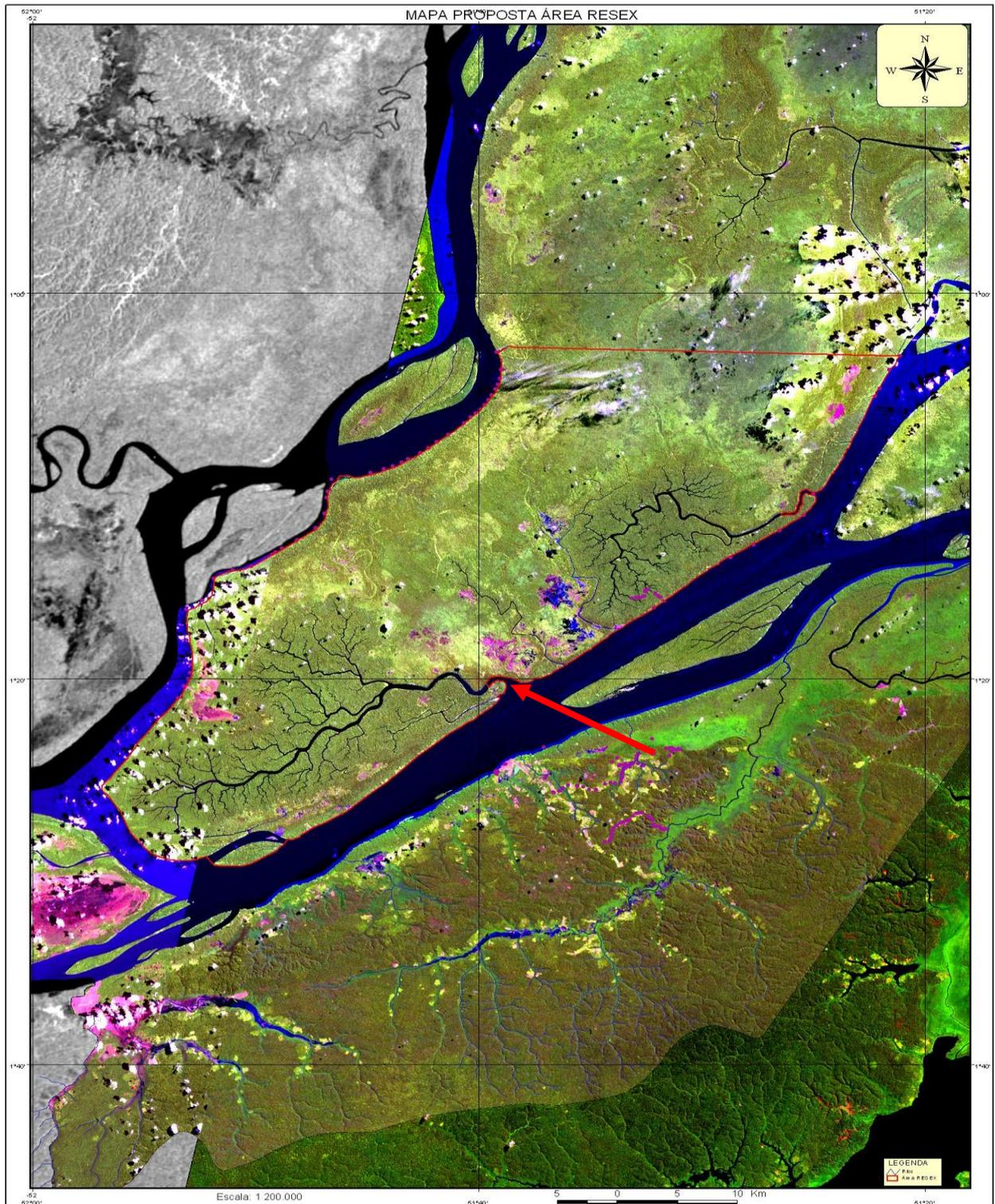
¹⁰ Cf. PARÁ. CONVÊNIO FASE – CPT - ITERPA. Título de posse registrado no Livro nº 1, folha 4 e v, de 1892 p. 175. Gurupá, 2004.

¹¹ Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, autarquia federal que atua em Gurupá desde 2007.

¹² Trabalhador rural, aposentado, ribeirinho, proprietário das terras Boa Esperança, por aquisição própria.

Zito, de 80 anos, tenha conhecimento do fato, afirma que não é de seu interesse, mas reconhece e comenta: “o meu avô era dono de meio Moju, mas ele morava na cidade, meu avô era homem rico”.

Figura 1 - Mapa do município de Gurupá.



Fonte: ICMBio, 2015.

Entre as famílias de origem sefaraditas citadas¹³, apenas os Sicsú, Aben-Athar e os Benayon ainda têm descendentes que residem no município, estes últimos em maior número; e as demais famílias foram morar em outras cidades como Belém, Macapá e outras localidades do território amazônico e/ou se estabeleceram em outras regiões pelo Brasil afora.

Ainda com base na pesquisa documental, nesse mesmo período do século XIX, surgem outros nomes, não como moradores de Gurupá, mas como possíveis viagens para tratar de negócios, como Abrahan Moyses Laredo, que compareceu ao cartório da cidade com a confiabilidade de Isaac José Perez para anular a procuração de seu pai, Joseph Perez, domiciliado em Itacoatiara, no Amazonas, sua família era de comerciantes¹⁴. Isaac José Perez foi uma figura proeminente da cidade, da qual foi prefeito de 1926 a 1930, segundo registra Bnechimol (2008, p. 106). Outro fato interessante está relacionado à hipoteca de um imóvel para a qual Izaac Marcos Elzanat e sua esposa Ester Elzanat, ambos comerciantes, nomeiam como o seu bem-procurador o senhor Isaac José Perez, nos idos de 1896¹⁵.

Assim como o caso da Alegria Azancoth, que em 1887 esteve em Gurupá e hospedou-se na residência de Jacintho Jayme Aben-Athar. Embora domiciliada em Manacapuru, Amazonas, ela compareceu ao cartório da cidade para expedir uma Declaração de Óbito de seu esposo, Marcos Azancoth, que veio a falecer a bordo do Vapor “Conde d’Eu”, da Cia. do Amazonas¹⁶, aos 34 anos de idade, vítima de beribéri, doença provocada pela ausência de vitamina D no organismo. Segundo o documento, este viajava de 1ª classe, tendo como testemunhas seus patrícios Jacob Sicsú, irmão de David José Sicsú, e Jacintho Jayme Aben-Athar, ambos comerciantes no município¹⁷.

Bnechimol (2008) discorre sobre essa interiorização fluvial no rio Amazonas, ressaltando que o fluxo de embarcações na região foi intensificado a partir dos incentivos federais e estaduais, promovendo a marcha dos imigrantes para o interior do Pará e para Manaus, e muitas dessas embarcações de pequeno porte eram de propriedade de judeus (Ibid., p. 67).

Segundo as informações obtidas nos livros de registros e de notas arquivados no Cartório Lobato – Cartório do Único Ofício, dos anos 1887 a 1906 observa-se que essas

¹³ Não há registros de judeus de outras origens no município, como: Askenazitas, Serfatitas e Foiquinatas.

¹⁴ Registro de Escritura de hipoteca de casa. Livro (capa ilegível), p. 17. Ano 1893. Cartório Lobato.

¹⁵ Registro de Escritura de hipoteca de casa. Livro (capa ilegível), p. 73. Ano 1896. Cartório Lobato.

¹⁶ Organizada pelo Barão de Mauá em 1853, que obteve o direito exclusivo da navegação a vapor pelo Rio Amazonas, com o nome de Companhia de Navegação a Vapor do Amazonas, com sede no Rio de Janeiro. *A navegação pelo Rio Amazonas e seus afluentes*. Portogente, 2015. Disponível em: <http://www.portogente.com.br/columistas/laire-giraud/a-navegacao-pelo-rio-amazonas-e-seus-afluentes-57504.html>. Acesso em: 28 out. 2015.

¹⁷ Registro de Livro Óbito, p. 34. Ano 1887. Cartório Lobato.

famílias mantinham-se em comunicação frequente, tanto por sua origem judaica ou pela condição que alcançaram como senhores de grandes seringais em terras gurupaenses, como os irmãos Serfaty, que possuíam terras no rio Moju, e o afamado Salomão Serfaty, proprietário de terras no rio Ipixuna e comerciante próspero, que vez por outra viajava ao rio Moju para visitar seus conterrâneos, como revela o senhor Manoel Mendes da Costa¹⁸, conhecido como Júlio Pena, de 84 anos: “era um velho com cerca de 70 anos, bem idoso”, complementa.

O “velho judeu”, como era conhecido pelos moradores da região, abastecia o barracão de mercadorias para negociar com seus fregueses, e mantinha uma firma chamada “Serfaty & Irmãos”¹⁹, junto com seus irmãos Jacob, José, Isaac Serfaty e sua irmã Sol.

Em outros procedimentos, como registros de nascimento e/ou óbito, os irmãos Serfaty são figuras muito citadas como testemunhas ou declarantes, neste último caso há um registro em que Isaac Serfaty declara a morte da menor Maria Gomes, de dois anos de idade, causada por vermes intestinais²⁰.

Em outro processo, consta que os irmãos comerciantes, juntamente com outros judeus residentes em Gurupá, os senhores Marcos e Salomão Azulay e Fortunato Cohen e sua esposa Carlota Cohen (consta em nota que esta era analfabeta) estiveram envolvidos num longo processo que se estendeu de 1892 a 1897, referente à compra de uma casa em Belém²¹.

A condição de analfabeta da senhora Carlota Cohen é referida como um caso isolado, na afirmação de Benchimol (2008), que narra a saga dos judeus desde a Inquisição espanhola à Amazônia, e atribui a formação educacional oferecida por instituições filantrópicas como uma esperança num futuro próspero para muitos que padeceram com a devassa que lhes foi imposta no decorrer da trajetória judaica, e também como uma forma de resistência na sua tradição. Tais formações foram designadas tanto para meninos quanto para meninas, que, além disso, aprendiam a costurar, trabalhos manuais e música (BENCHIMOL, 2008, p. 55).

1.1.1 - A ascensão pelo comércio: entre a gentileza e a sedição

Como se vê, em finais do século XIX, diferentemente da maioria dos imigrantes que chegaram à região em busca de trabalho nos seringais espalhados pela floresta, os judeus que se

¹⁸ Aposentou-se como seringueiro, viveu a maior parte da sua vida no rio Moju, atualmente mora em Gurupá, após um acidente na mata.

¹⁹ Registro de Escritura de dívida com hipoteca. Livro (capa ilegível), p. 40. Ano 1894. Cartório Lobato.

²⁰ Registro de Livro Óbito. Termo: 256. Ano 1896. Cartório Lobato

²¹ Registro de Escritura de compra e venda. Livro (capa ilegível), p. 15. Ano 1892. Cartório Lobato.

estabeleceram em Gurupá, como o Salomão Serfaty, Simão Benayon, Eliezer Moyses Levy e os Aben-Athar desenvolveram atividades diferentes. Neste último caso, Marcos Jayme Aben-Athar era proprietário de seringais nas proximidades da cidade onde mantinha o comércio de produtos variados, como peças de tecidos, terçados, caixas de papel, latas de tinta etc.²²

Porém, outros se dedicaram ao comércio rio adentro – conhecido como Regatão²³. Ainda nessa geração²⁴, Max Cardoso Aben-Athar, de 81 anos, residente em Brasília/Distrito Federal, conta que seu pai, Amadeu Aben-Athar, conhecido nos rios da região de Gurupá por “Jabá”, mantinha um comércio fluvial (Regatão) e percorria as localidades com várias mercadorias, mas o produto que mais comercializava era a o jabá, daí o seu apelido. Max complementa: “meu pai foi um dos regatões que viajavam no rio Amazonas”.

Para Benchimol (2008, p. 85), “os judeus foram os primeiros regatões da Amazônia”, levando na bagagem mercadorias para suprir os ribeirinhos e também para barganhar com os seringueiros. Segundo o autor:

Com suas embarcações, batelões, igarités (barco grande para transporte de objetos pesados e canoa de madeira para uso de transporte de pessoas, respectivamente), levavam mercadorias para vender nos distantes seringais em troca de borracha, castanha, bálsamo de copaíba, sorva, balata, ucuquirana, peles e couros de animais silvestres e outros gêneros regionais de exportação. Eles desafiavam o grande poder e o monopólio dos aviadores (*comércio de venda a crédito para o interior, no vocabulário amazônico*) portugueses e dos coronéis de barranco cearenses e nordestinos, que constituíam as elites dominantes que *fechavam os rios* e eram os *donos da praça* para que o seu monopólio de comércio fosse mantido. (BENCHIMOL, 2008, p. 85).

Esses fatos geraram conflitos com os grandes patrões da época. Em Gurupá, na década de 1939, podemos mencionar o caso do “coronel” Liberato Borralho, como era chamado pelos moradores da cidade, imigrante cearense que “queria controlar toda a freguesia”, diz o senhor Adelino Pantoja da Costa²⁵, de 78 anos, que passou a relatar as frequentes ocorrências entre Liberato Borralho e os comerciantes que obtinham freguesia ou até mesmo com os fregueses

²² Livro de notas, p. 40. Ano 1894. Cartório Lobato.

²³ Tipo de comércio ambulante comum nos rios da Amazônia no período da extração da borracha. O barco regatão percorria rio acima negociando mercadorias com pequenos produtores, caboclos e comerciantes do interior em troca de “produtos regionais” e extrativistas.

²⁴ Benchimol (2008) caracteriza a migração judaica em quatro gerações determinadas pelo período que chegaram à Amazônia, assim como os ofícios que exerciam. A 1ª geração compreende a partir de 1820 até a ascensão da borracha (1820-1850); logo depois se inicia a 2ª geração, esta se estende até a decadência do produto (1850-1910); a 3ª é determinada pelo abandono dos seringais e a saída para as grandes cidades (1920-1950); e a 4ª é caracterizada pela profissionalização dos descendentes das gerações anteriores – é o tempo dos doutores, dos professores, e também é assinalada pela diáspora carioca e paulista, a partir dos anos de 1950 (Ibid, p. 83-151).

²⁵ O senhor Adelino Pantoja é considerado um grande memorialista pela população do município de Gurupá, e uma figura de grande conhecimento e interesse pela história. É detentor de vários documentos que contribuem para a história da região e tem vários cadernos com anotações que fez no decorrer de sua vida. Em entrevista, fez questão de esclarecer os fatos que presenciou e os que “lhe contaram”. O relato acima ajuda a elucidar a questão. O teor desta entrevista foi alternado entre relato escrito e gravado, atendendo à exigência feita pelo entrevistado.

desses comerciantes. Adelino Pantoja narra com exaltação a trajetória de seu pai, Alfredo Gomes da Costa – o Alfredo “Maranhoto”, apelido recebido por ser imigrante maranhense, que veio com seus pais para Gurupá em 1890, e enfrentou as barbaridades de um dos coronéis mais poderosos da época, o senhor Liberato Borrvalho (ver Figuras 2 e 3). Segundo o seu relato:

Meu pai era freguês dos Castiel, judeus que moravam no alto Moju e depois vieram morar na cidade, onde abriram um comércio grande, lá onde é hoje o Banco do Brasil. Então, quando meu pai vinha do interior, do Axiquara (terras que pertenciam à firma Maias & Cia.) com os produtos, tinha que passar pela casa dele (do Liberato Borrvalho), que ficava lá perto da beira, aí o homem não gostava, ele não gostava de judeu [...]. Aí ele resolveu mandar os capangas dele invadirem as terras do meu pai, é [...] ele quis a toda força se apropriar das terras. Como ele era poderoso, bicho brabo e forte, ele comprou o delegado de polícia, capitão Santiago e o promotor adjunto para que não aceitasse as queixas do meu pai. Aí meu pai procurou o judeu Jacob Marcos Benathar e pediu que lhe ajudasse a não perder suas terras. O Jacob sugeriu que meu pai fosse pra Belém e procurasse a Repartição de terras para regularizar o terreno. Em dezembro 1939, meu pai viajou pra capital, e Jacob (Benathar) pediu que seu primo, o JJ Aben-Athar²⁶ o acompanhasse pra registrar a queixa do acontecido ao chefe de polícia, que imediatamente deliberou a reintegração de posse ao meu pai. De volta à cidade, meu pai comunicou ao delegado que não obedeceu e disse que sua palavra permanecia. O Jacob telegrafou²⁷ pra Belém, e disse ao primo que o capitão não acatou a decisão, e foi quando o chefe de polícia pediu a destituição do delegado por desacato e suborno. Ele foi embora de Gurupá sem a sua patente [...]. Isso foi uma queda pro seu Liberato. Mas faltava meu pai legalizar as terras, senão ele ia perder, mas ele não tinha o dinheiro pra comprar.

Figura 2 - Esquina da “Casa Borrvalho” (esquerda), propriedade de Liberato Borrvalho, ao fundo o Trapiche Municipal. Gurupá: 1948.



²⁶ José Jacintho Aben-Athar era filho de Jacintho Jayme Aben-Athar. Em 1939 tinha vínculo empregatício com o London and Brazilian Bank, localizado à rua 15 de Novembro, em Belém. Entrevista com Adelino Pantoja, concedida em 28 de julho de 2015.

²⁷ Benedito Sanches da Silva ou Sanches, como era conhecido pelos gurupaenses, nasceu em 1927 e faleceu em 2010, aos 83 anos. Publicou suas memórias e informações coletadas ao longo de sua vida no livro “Gurupá dos Mariocays”, lançado em 2009. Nesse memorial, Sanches menciona a localização do Telégrafo na primeira rua, sendo que este pertencia à Companhia Inglesa Amazon.

Foto: Alê Corrêa.

Figura 3 - Interior da “Casa Borrvalho”. Da esquerda para a direita: Raimunda Tavares (Diquinha), José Maria Pereira, Oscar Santos e Atetônio Palheta. Gurupá: 1948.



Fonte: Euniani Ramos.

As figuras 2 e 3 retratam o mesmo contexto, trata-se da residência do coronel Liberato Borrvalho, e, também, revela o cenário de um período marcado por embates políticos e choques culturais, assim como, personagens que muito acaloraram a história de Gurupá. Nuno Pinheiro (2011, p. 107) argumenta que a utilização de imagens como fonte de pesquisa permite reunir elementos eficazes e sólidos para a composição de uma escrita legítima, e lançar mão dessa ferramenta é “utilizar a fotografia como prática social para melhor conhecer essa sociedade”.

Nesse sentido, as declarações feitas pelo coronel citado anteriormente soavam como contendas políticas. Denegrir a imagem do judeu era um recurso para que o coronel se mantivesse no controle da situação, uma vez que este também desempenhava o seu lado humanitário distribuindo cestas básicas às sextas-feiras santas aos seus fregueses e aos necessitados, “[...] mas ele também era um homem bom”, ressalva Adelino Pantoja, abrandando a voz ao lembrar-se das boas ações que o coronel praticava com os que ele chamava de “afilhados”.

No romance Ribanceira, de Dalcídio Jurandir, um conto análogo à obra de Wagley – Uma Comunidade Amazônica, o autor associa as personagens do conto ao contexto da pesquisa do antropólogo. O fato relatado acima se assemelha às narrativas do romancista em:

Quem mais pelos pobres do que nós [...]? Não chegam as caridades que fazemos todo dia? Fortunata e eu, todo ano, chega dezembro, São Benedito, é aquele batiza-criança que não acaba mais. Temos pelo município uma população de afilhados. (JURANDIR, 1978, p. 202).

Adelino Pantoja conclui o seu relato ressaltando a assistência que o judeu lhe prestou.

[...] Pro meu pai não perder as terras, o Jacob (Benathar) procurou dona Filomena Maia e disse que meu pai tinha direito a terra, pois morava há muito tempo no lugar e pagava os impostos intencionais, mas ela não atendeu o apelo e então o Jacob financiou a compra de toda aquelas terras do Axiquara pro meu pai, isso não dá pra esquecer, o Jacob foi um grande amigo, até hoje guardamos isso conosco.

A oscilação entre momentos de exaltação e calma na fala do entrevistado denotam a importância que o fato narrado representa para ele, revelando suas particularidades. A riqueza de detalhes e a clareza na narrativa foram fundamentais para que o episódio fosse esclarecido.

Portelli (1997, p. 16) assegura que lembrar é um processo essencialmente humano e individual, mas implicado pelo dinamismo social, apesar do tempo transcorrido e múltiplos acontecimentos sucedidos. Diante disso, postular em benefício da integridade dos depoentes é a garantia para que a pesquisa tenha êxito, diz o autor:

A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância torcer o significado próprio dos fatos narrados (PORTELLI, 1996, p. 2).

O relato do senhor Adelino permite que ponderemos não somente as turbulências entre os dois sujeitos envolvidos no episódio, mas a forma como vinha se configurando o espaço gurupaense a partir da presença dos judeus, que estavam se apropriando do hábito do homem empenhado e firme nos trabalhos, fundamentalmente o perfil dos grandes proprietários de terras na Amazônia, permitindo que muitos judeus prosperassem e assumissem as habilidades de seringalistas (BENCHIMOL, 2008, p. 84), de tal modo que intensificou o comércio nas regiões ribeirinhas.

No trecho da entrevista com Alegria Castiel, filha de Isaac Serfaty, judeus naturais de Tanger, no Marrocos, pelo antropólogo Charles Wagley em 1948, quando de sua vinda a Gurupá para ações do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP)²⁸, é possível considerar a intensa circulação que a produção da borracha proporcionou aos imigrantes judeus em

²⁸ Imagens contidas documento cedido gentilmente por Gilvandro Torres. Cl. Cad. 2. p. 72. – D. Alegria. Disponível na Biblioteca do Centur, em Belém.

Gurupá: “em outros tempos houve aqui em Gurupá 22 casas de comércio de judeus. [...] se fixaram aqui no tempo da alta da borracha, onde o comércio era bem recompensado”.

Alegria Castiel prossegue a entrevista, comentando sobre as relações sociais com os moradores da cidade. Ela diz que sempre se deram bem com o povo, embora se lembre do fato da sua casa cair pela maldade dos pedreiros que trabalhavam na obra.²⁹

Dalcídio Jurandir (1978, p. 184) descreve os transtornos enfrentados pelos judeus em Gurupá na fala do seu personagem judeu Bensabá, “– Malquerença enxota a boa notícia. Um se aborrece com outro nesta cidade, faz cair casa, mata mais vaca, derruba o Trapiche, acaba nos tirado o Telégrafo”.

Nessa perspectiva, as falas deixam claro que havia certa desconfiança em relação aos judeus, por serem considerados ardilosos pela maneira que desenvolveram o serviço vinculado ao extrativismo da borracha e de outros gêneros, e também pela maneira como conduziam sua vida baseada no Judaísmo, o que muitos moradores, impelidos pela formação religiosa cristã, predominante em Gurupá, assim como por influências dos “patrões”, os donos de seringais do município, como alude Jurandir (1978, p. 44) em seu conto: “Muito difícil separar o regozijo da compaixão que se misturam no seu Guerreiro no que toca ao seu desafio”.

Em outros depoimentos coletados referentes aos judeus em Gurupá há evidências de que as relações para com a população da região baseavam-se na gentileza e na cordialidade. Seguramente, em decorrência desse contato com a população, o judeu garantiria para si a confiança dos nativos, em detrimento das ações humanitárias do coronel Liberato Borralho.

O relato do senhor Manoel Mendes da Costa, com uma lucidez espantosa, revela isso: “O Jacob frequentava muito a minha casa [...] lá no Moju, pra visitar meu pai. Ele chegava em casa e dizia: Cadê o Dorico, cadê o Dorico? [...] eles eram muito amigos e iam pra cozinha tomar café”, completa dizendo que a amizade continuou com o seu filho Wilson Benathar, “gente da gente”³⁰.

Benedito Vieira³¹, conhecido por Pajé, morador da vila de Carrazedo, diz com certo desdém que “os judeus não se adaptaram muito com a gente, brasileiro [...] deu de sentir isso. Eles não queriam muita conversa, viviam separados, até no cemitério”. As palavras de Pajé denotam não somente um desprezo pelos judeus, mas uma demonstração do desinteresse pelo que considera fora dos padrões convencionais de uma conduta social e religiosa: os valores judaicos.

²⁹ Cl. Cad. 2. p. 72. e ss. – 2. – D. Alegria. Disponível na Biblioteca do Centur em Belém.

³⁰ Conviveu com Wilson Benathar no período que morou no Rio Moju.

³¹ Benedito Vieira é considerado pela comunidade o memorialista da região do Carrazedo.

A ideia do judeu como deícida ecoa na percepção do caboclo amazônico, que tem raízes plantadas no catolicismo europeu, trazido para Gurupá com a colonização portuguesa, de modo que o “outro” se tornara para ele a imagem da perversidade; o judeu é a própria imagem do mal, e essas marcas advêm de uma trajetória de migrações frequentes desse povo, fato que os estigmatizou como indivíduos excluídos e errantes. (MIZRAHI, 2005, p. 7).

Entretanto, os comentários de Pajé podem estar relacionados a um conflito recente pela exploração madeireira, que hoje assola aquela região. Trata-se da instalação da Hadex Madereira, empresa de extração madeireira que negociou com as associações das áreas remanescentes de quilombos: Associação dos Remanescentes de Quilombos de Gurupá (ARQMG) e Associação dos Remanescentes do Quilombo Maria Ribeira (ARQMR), para a extração e venda do produto. Entretanto, algumas extensões de terras pertencem aos netos e bisnetos de Simão Benayon, que não entraram em acordo com a empresa mencionada, impedindo as articulações dos demais sócios, incluindo Pajé, que conduz as negociações nessa área.

Em outra observação Pajé comenta que os judeus que vieram para o Carrazedo “foram os primeiros patrões que nós conhecemos”, e ressalva: “eles eram grandes comerciantes”, embora atualmente as relações com os moradores da vila de Carrazedo sejam meramente amistosas, visto que a maioria deles é imigrante de outra localidade do município, e até mesmo de outros estados, como Amapá, segundo afirma o entrevistado.

No final do século XIX, período em que Simão Benayon e seus irmãos Jacob e Salomão chegaram a essas terras e logo se instalaram no rio Inajá, e abaixo da Vila de Carrazedo, que naquela época ficava em terras altas e hoje se localiza nas margens do rio do mesmo nome, na enseada do rio Xingu, na margem direita do Amazonas (Figura 4). Na época, os irmãos Benayon, assim como os demais imigrantes, dedicaram-se aos ofícios que a região determinava, quais sejam: coleta de sementes de andiroba, comercialização do breu branco, do jutaí seco, extração de madeira (cedro), e da estopa da castanheira – produto de difícil remoção, neste caso era a parte da árvore que precisava ser raspada – uma mercadoria muito rentável, usada para calafetar barcos; e no verão predominava extração da borracha. Simão Benayon prosperou e foi adquirindo terras nessa região: Pacoval, Curuperu, Marco, Unioa, na área do Jocojó; Cajueiro do Moju, no rio Moju; mas tarde, no rio Ipixuna, na Doutrina³², e as terras do rio Inajá, que atualmente são de propriedade dos seus netos.

³² Acredita-se que essas terras são muito antigas, segundo Pajé, o sino e a imagem de São José que estão na comunidade do Carrazedo – mesmo nome do santo e padroeiro da vila – foram trazidas da Doutrina.

Figura 4 - Vila de Carrazedo, Gurupá (PA).



Fonte: Rui Pena, 2015.

No entanto, no entendimento de Pajé “os judeus praticamente, quase se apossaram do Carrazedo, só não se adaptaram lá em cima, na vila”, e assegura que em nenhum momento os judeus moraram no vilarejo da terra firme, atribuindo o motivo da suposta doença que contraíam – a lepra – hoje chamada de hanseníase, doença infectocontagiosa que afeta os nervos e a pele, provocando danos severos à integridade física.

Daí emerge mais um indício da aversão aos judeus pelos moradores da vila de Carrazedo, justificada pela perspectiva de um possível contágio, o que certamente Pajé acredita fazer jus ao isolamento, inclusive na ocasião do descanso final. Diz:

Meu avô contava, e mesmo depois eu vi [...] eu conheci dois judeus alejados, eles não tinham os dedos do pé, outros já era da mão, só era a ‘parma’ da mão [...] eles morreram todos aqui dessa doença chamada lepra, que era o nome da época. Por isso, se você vê hoje o cemitério, esses judeus eram enterrados lá no fundo. Diziam os antigos, que até os dezesseis anos ninguém podia passar por cima da sepultura de quem morreu com essa doença, senão a doença ainda era transmitida pra gente. Eu não acredito nisso. Meu pai me disse que a lepra era uma doença que só dava em judeu.

Os judeus a que Pajé se refere certamente são filhos de Simão Benayon, contemporâneos a ele, pois eram os que moravam nessa região. Entretanto, Adelino Pantoja menciona um fato ocorrido com o irmão de Simão Benayon, o Salomão – e prossegue relatando o seu sofrimento e morte por causa de umas feridas que tinha nas extremidades do corpo: “ele sofreu muito com aquilo no corpo, mas não resistiu durante uma viagem a Breves”, conclui.

Atualmente são reconhecidas como terras remanescentes de quilombos, na fronteira com município de Anapu. Esta área foi muito explorada pelos seringalistas, sobretudo no período áureo da economia da borracha.

A hanseníase é prevista pelas condições estruturais na qual os seres humanos se apresentam: pobreza, miséria, fome. Fatores semelhantes às circunstâncias que os judeus vivenciavam nos *melahs* – guetos marroquinos, somados a outros eventos, como perseguições, apedrejamento de judeus vivos e mortos, doenças e epidemias, que culminaram com a saída destes de Marrocos (BENCHIMOL, 2008, p. 53), encontrando nesse pedaço da Amazônia, o que se tornara para eles uma promessa de prosperidade, a Terra da Promissão, uma Eretz Amazônia (Ibid., p. 71).

Porém, não era a primeira vez que o Brasil testemunhava a entrada de imigrantes judeus. Várias pesquisas apontam que a chegada dos judeus em terras brasileiras coincide com a colonização portuguesa no século XVI, época em que muitos já tinham se convertido – os chamados “cristãos-novos” ou os cripto-judeus ou cristãos “por fora” – porém praticavam o judaísmo secretamente e tinham a esperança de expressar sua religião longe da Inquisição portuguesa; a terra descoberta como um refúgio para as dores da perseguição (FONSECA; SILVA, 2007, p. 44).

Mizrahi (2005, p. 7) afirma que a imagem dos judeus é julgada pelas diferentes formas de eles conceberem a sua cultura, bem como os diferentes idiomas que são falados, e que tal fato não faz desse povo uma nação.

De acordo com Hobsbawm (1990), a definição de “nação” decorre das estruturas sociais cujas necessidades, interesses e perspectivas das pessoas comuns, desobrigadas de qualquer sentimento nacionalista e, muito menos “essencialmente nacionais”, devem ser compreendidas, e, por fim, estabelecidas. Para o autor, as discussões acerca do sionismo são avaliadas pela concepção moderna de que “nação” é uma composição criteriosa de língua, costumes de um território, de maneira que o passado de um povo possa ser extinto por não estar de acordo com essas condições.

Nessa perspectiva de que “nação” não constitui lugar, e por outros critérios já mencionados, é possível visibilizar a existência de sociedades judaicas por vários lugares do planeta, e essa dispersão geográfica pode ser identificada a partir da sua ocupação espacial. Segundo Mizrahi, há 16 grupos espalhados geograficamente e culturalmente por todo o mundo, e as mudanças não são somente no comportamento, mas também no gosto musical, na culinária, no modo de vestir e na língua. Nesse aspecto, temos os judeus askenazitas, que falam o dialeto iídiche; os sefaraditas, que se expressam com o ladino a hakitia; e o judeu-oriental, que comumente fala a língua árabe. (MIZRAHI, 2005, p. 6)

Na região amazônica, essa entrada ocorreu no início do século XIX, quando uma leva de judeus veio em busca de oportunidades, o que Benchimol (2008, p. 83) classificou como a

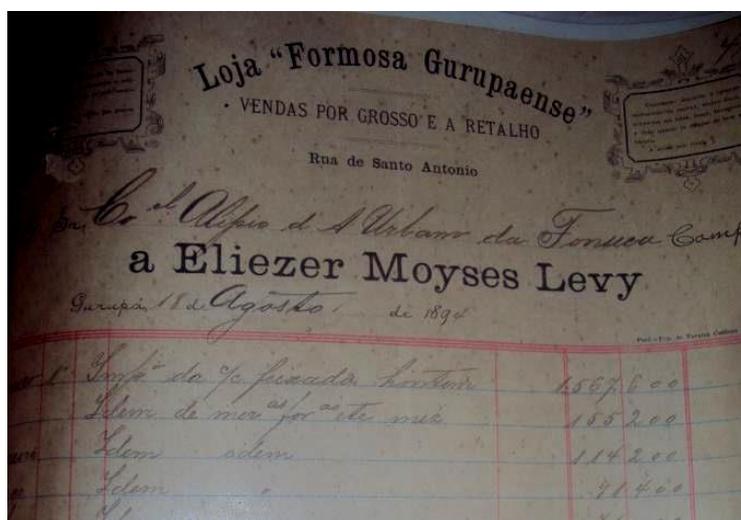
primeira geração. O autor menciona que o município de Gurupá também foi destino desses imigrantes naquele período, mas foi no final do século XIX que a região reavivou a esperança de um recomeço, longe das atrocidades nos *melahs* de Marrocos.

E assim se configurou o cenário gurupaense, tendo como pano de fundo os ricos seringais, onde muitos “hebraicos”³³ que passaram a povoar e a conviver com a sociedade local, abriram casas comerciais na cidade e no interior, percebendo a oportunidade de prosperar e “fazer a Amazônia”, como sonharam muitos imigrantes. Wagley (1997) descreve o sucesso dessa iniciativa da seguinte forma:

As ilhas do delta, em frente de Itá³⁴, possuíam ricos seringais, cuja produção só era ultrapassada pelos que ficavam à cabeceira dos afluentes do Amazonas e no território do Acre. Itá tornou-se, pois, o centro de um movimento comércio sempre estimulado pelos altos preços da borracha. A população cresceu para mais de duas mil pessoas. Abriam-se vinte armazéns gerais. (WAGLEY, 1997, p. 63)

O autor refere-se às casas comerciais que vendiam produtos para todos os fins, como tecidos, tabaco, papel, no atacado e no varejo, como mostra a Figura 5.

Figura 5 - Livro de Notas da Loja “Formosa Gurupaense”, ano 1894.



Fonte: Cartório Lobato, 2014.

Do ponto de vista do legado desse período de riqueza em Gurupá restou somente o prédio da Prefeitura Municipal. Segundo as memórias de Benedito Sanches da Silva, a construção dessa casa iniciou no governo de Augusto Montenegro, em 1905, nos tempos áureos da produção da borracha, porém, em 1912 o município foi abalado pela crise trazida

³³ Expressão usada pelos moradores da região para referir-se aos imigrantes judeus.

³⁴ Nome fictício atribuído a Gurupá por Charles Wagley em sua obra “Uma comunidade Amazônica”, escrita a partir de estudos referente à Amazônia para o Instituto Internacional da Hiléia Amazônia, em 1948.

pela queda do produto, que era a principal fonte de economia municipal, ocasionando a interrupção da empreitada. Cerca de 30 anos depois, no governo de Rafael Castiel, as obras foram reiniciadas, e a inauguração do prédio data de 1946, no governo de Castelo Branco.

Nesse contexto, Dico Camarão³⁵, neto de Simão Benayon, lembra que no Carrazedo o barracão de seu avô era abastecido com os gêneros que a natureza oferecia. O grande celeiro ficava abarrotado de timbó, peles de veados (muito comercializado na época) e outros produtos trazidos pelos fregueses para esperar os navios: “me lembro que era o navio Rouxinol, da Firma J. Fonseca e o navio Sobralense, do coronel José Júlio de Andrade³⁶, ambos eram enormes e atracavam no porto da casa do meu avô para abastecer”, segundo ele.

Apesar de seu envolvimento político com os demais patrões da época, como Liberato Borralho, o coronel Zé Júlio, como era chamado, mantinha os seus barcos em constante circulação, rasgando os rios da grande bacia amazônica, chegando aos barracões dos seringais, sendo este patrão, correligionário ou não, para abastecer com diversos produtos que por ali proviam, assim como nos portos do rio Inajaí, seus barcos também ancoravam nos portos do rio Moju, garante Júlio Pena:

O coronel Zé Júlio era homem respeitado e mau, morava próximo de Almeirim, em Arumanduba, era homem rico, tinha uns 22 barcos, e eles varavam esses rios pegando mercadoria. Quando o Sobralense entrava no Moju, passava dias lá dentro, de porto em porto, barco grande.

No rio Moju, o comércio era mais agitado, pela sua extensão e quantidade de seringais existentes. Na foz do rio Limão, afluente do rio Moju, ficava o barracão do judeu marroquino José Salomão de Barros, o Zé de Barros, como era conhecido, que negociava os produtos com os fregueses, abastecendo o grande paiol com mercadorias: “os barcos grandes iam lá dentro, no rio, pra pegar a seringa, azeite de andiroba, cacau”, conta dona Maria Viana³⁷. Continuando, ela diz: “e, além disso, ele criava muito sirimbabu: galinha, peru, boi, bode, muitos bichos pra comer [...] mas ele aviava, também”.

³⁵ Raimundo Benayon Camarão, 70 anos, aposentado, atualmente mora nas terras herdadas do avô, às margens do Amazonas. Camarão é o sobrenome herdado de seu pai, Antonio de Pádua Camarão.

³⁶ Imigrante cearense que fez fortuna como seringueiro e coletor de castanha, e comercializava produtos em troca de gêneros de primeira necessidade, em fins do século XIX e início do XX. Seu império, que compreendia terras em Porto de Móz, Almeirim, Vitória do Jari, na região do rio Xingu, no Pará, e se estendiam por terras no Amapá. Era proprietário de uma frota de barcos que circulavam nos rios da Amazônia dinamizando o comércio de regatão dessa época, e foi considerado o maior latifundiário do mundo, ficou conhecido como o Czar do Jari, grande patrão do período da extração da borracha e temido pela sua crueldade com que tratava aqueles que ameaçavam a sua riqueza. Nota de Antonio Ronaldo Camacho Baena, disponível em: www.facebook.com. Acesso em: 20 maio 2015.

³⁷ Maria Viana Serra, 88 anos, morou muito tempo no rio Limão, no Moju. Faleceu no mês de junho/2015.

A criação dos animais de Zé de Barros surge como uma resistência às práticas judaicas, buscando adaptar-se de alguma forma aos modos de vida da região. Com relação a isso, diz-se da pureza dos alimentos que refletem na espiritualidade e na conduta do ser humano, se consumidos de maneira correta (MAUÉS, 2008. p. 2).

Para esses judeus era uma luta constante e diária viver na Amazônia conforme as leis da Torá. Alegria Castiel avalia a dificuldade de a família manter o regime alimentar em Gurupá, não comendo peixe de pele, só de escamas. Nem caças e tartaruga; quanto às aves, só se vissem o abate; carne de boi ou vaca só se fosse degolados, porém devido a inexistência do procedimento, comiam assim mesmo³⁸, denotando um descontentamento na sua fala. A judia faz uma observação referente à conduta de seus filhos, dizendo que eles guardavam os preceitos da religião, pelo menos quando estavam perto dela, e também o jejum de 24 horas. E quando crianças começaram a aprender o hebraico, mas não levaram adiante. É o que certifica Sandra Castiel³⁹: “meu pai era meio desligado dos assuntos do judaísmo e vivia levando bronca da mãe por isso”.

Com relação à popularidade de Zé de Barros: “era comerciante grande, tinha um grande seringal”, diz João Pinto⁴⁰, de 83 anos. Segundo ele, o judeu dominava a freguesia da região do Rio Limão: “Era judeu endinheirado [...] morreu de tuberculose, e não deixou nada pra família, nem as terras onde ficava o barracão dele [...] quando ele morreu o Wilson Benathar tomou conta do barracão, ele era novinho, novinho”⁴¹, conta Maria Viana.

Outras informações são obtidas nos livros de registros e de notas do cartório da cidade, que, apesar da má conservação, ainda serviram para análises que possibilitam comprovar a estabilidade nos negócios, entre anos de 1898 a 1905, pelos judeus Jacintho Jayme Aben-Athar, Marcos Jayme Aben-Athar, José Levy, Eliezer Moyses Levy e Halia Levy, Moyses Cohen, Moyses Jacob Castiel, Serfaty & Irmãos (Salomão, José, Jacob e Isaac Serfaty),

³⁸ C. p. 123. – Alimentação judeus – D. Alegria. Disponível na Biblioteca do Centur, em Belém.

³⁹ Professora aposentada, 66 anos, escritora, é membro da Academia de Letras de Rondônia. Atualmente mora no Rio de Janeiro, mas mantém casa em Porto Velho, onde mora o seu filho e suas irmãs. Seu último livro: “Marise Castiel e Rondônia: educação, cultura e política”, aborda a trajetória de sua mãe no território de Rondônia, quando de sua chegada, na década de 1940. Entrevista concedida via online, em 26 de novembro de 2015.

⁴⁰ Morou no rio Moju há 79 anos, trabalhou nos seringais de José de Barros com o pai, desde os 10 anos.

⁴¹ Não há confirmação se houve entre Zé de Barros e Jacob Marcos alguma negociação referente à propriedade que tinha no rio Moju, dada a sua ruína financeira após a longa viagem que fez a sua terra natal. Sabe-se que a sua família não herdou nada de seus bens, sendo necessário que sua companheira, Romana, e seus dois filhos migrassem para o rio Mararu, onde Walter, seu filho casou com Rosilda Pereira, e logo voltaram para o rio Moju, “onde o comércio era forte”, ocupando as terras chamada de “Coqueiro”, doadas por Wilson Benathar.

Nahon e Cia., Benayon e Cia., entre aquisição de terras, compra de hipoteca de imóvel a comércios de produtos variados.

Em 1894, foi registrada a hipoteca de um terreno no nome de Antônio Nunes Valente, lavrador, no valor de 42 contos de reis em mercadoria, em nome de José Serfaty, da firma Serfaty & Irmãos.

Quadro 1 - Demonstrativo de judeus proprietários de seringais.

Proprietário	Local
David José Sicsu	Rio Moju
Marcos Jayme Aben-Athar	Rio Taiassui e Igarapé Itapereira
Jacinto Jayme Aben-Athar	Ilha Redonda
Salomão Serfaty	Rio Ipixuna
Isaac Serfaty	Rio Moju
Simão Benayon	Rio Inajaí e Rio Carrazedo
José Salomão de Barros	Rio Moju
Jacob Marcos Benathar	Rio Taiassui e Rio Ipixuna

Fonte: Cartório Lobato. Gurupá (PA), 2014.

O Quadro 1 apresenta nominalmente os proprietários dos seringais e a respectiva localização município de Gurupá. Esses seringais foram abandonados a partir da queda do preço do produto, no início do século XX, ou vendidos ou mesmo herdados pelos seus descendentes, servindo, porém para outras finalidades extrativas, como a extração madeireira, bem como a coleta de sementes de plantas oleaginosas.

Na cidade das “tabernas” abertas, também contavam-se as dos judeus, que eram abastecidas de mercadorias: sementes de andiroba, cacau, ucuúba (virola), e as mantas de pirarucu, que “recendia longe o cheiro de pirarucu”, diz dona Luiza Benathar⁴², de 72 anos, ao se lembrar da casa comercial dos Castiel, que ficava na “primeira rua”⁴³. A Figura 6 reporta a casa residencial e comercial dos judeus Castiel que comercializava mercadorias variadas.

⁴² Professora aposentada, nora de seu Wilson Benathar,.

⁴³ Expressão usada pelos moradores de Gurupá para identificar as ruas da cidade, embora todas tenham seus devidos nomes, muitas delas em homenagem aos santos católicos e a grandes figuras da história do município.

Figura 6 - Casa da família Castiel, localizada na esquina da primeira rua, também chamada de “Rua dos Judeus”, hoje, Avenida São Benedito. Gurupá, 1948.



Fonte: Foto Alê Corrêia

A família Castiel, antes de vir para a cidade, morava no alto do rio Moju, assim como os irmãos Serfaty. Alegria Castiel era filha de Isaac Serfaty e Sol Serfaty, esposa de Moyses Castiel, seu primo, com quem teve 12 filhos⁴⁴: Jacob (1899), Raquel (1902), Miguel (1903), Sultana (1906), Syme (Symita), Rafael (1917?), Samuel, Moisés e Mimon.⁴⁵

Adelino Pantoja lembra-se de Symita como uma mulher grande, de olhos verdes: “ela ficava sentada horas e horas numa cadeira de balanço, parecendo que esperava alguma coisa, todo dia, todo dia [...] podia passar por lá, e lá estava ela se embalando [...] era moça muito bonita”.

Nas narrações de Dalcídio Jurandir, sua judia Sara surge como uma “linda judia”, e acrescenta: “Tudo aquilo da moça muito a recomenda. Vi seu estado na cadeira de embalo.” (JURANDIR, 1978, 163).

Sandra Castiel, filha de Rafael, afirma que na ida da família Castiel para Porto Velho, a fotografia (Figura 7) já estava entre os pertences de sua avó, de modo que sua alegação quanto ao registro deste momento seja ainda na casa de Gurupá.

⁴⁴ Cl. Cad. 2. p. 72. – D. Alegria. Disponível na Biblioteca do Centur em Belém.

⁴⁵ As datas em parênteses referem-se ao ano de nascimento. Os nomes em que não constam as datas foram citados nas entrevistas com Adelino Pantoja e Sandra Castiel, pois a entrevistada desconhece os nomes dos outros filhos de Alegria e Moyses Castiel.

Figura 7 - Família Castiel. Da esquerda para a direita: Syme, Lolita, Alegria e Samuel; crianças: Mimon, Samuel, Auristênio, Haroldo e Ênio. (Moisés ainda não havia nascido).



Fonte: Arquivo pessoal de Sandra Castiel.

Esta imagem retrata uma das ocasiões apreciadas pela matriarca da família Castiel, senhora Alegria, pois manter a harmonia entre os seus entes era fundamental para a unidade familiar que se orgulhavam de serem judeus.⁴⁶

No registro de nascimento de Miguel consta uma emenda feita a partir de uma petição em que seu pai, Moyses Castiel, em 1913, solicita a mudança do nome do filho para Mair, pois a comunidade sefaradita de Belém o reconhece dessa forma, apesar do nome Miguel ter origem hebraica, cujo significado “Quem é como Deus?”, um insulto a satanás, que compara os seus poderes aos de Deus. Com esses elementos entende-se que esta família frequentava a comunidade judaica, uma vez que Moyses Castiel passa a ficar em conformidade com as normas exigidas em relação a seu filho Miguel, denotando uma obediência aos preceitos judaicos.

Para os judeus que moravam em localidades distantes, aproveitavam todas as oportunidades que tinham de se reunir com a comunidade. Alegria Castiel revela que, para se celebrar as festas judaicas em Gurupá os judeus se reuniam em uma ou outra casa, pois não havia sinagoga, e o judeu considerado mais velho fazia as vezes de rabino⁴⁷. Em algumas ocasiões seguiam para a capital paraense para a realização desses rituais, como fez Abraham Serruya e sua esposa, Ester Serruya, apresentaram a pequena Piedade Serruya na comunidade

⁴⁶ Cl. Cad. 2. p. 72. e ss. – 2. – D. Alegria. Disponível na Biblioteca do Centur em Belém.

⁴⁷ Cl. Cad. 2. p. 72. – D. Alegria. Disponível na Biblioteca do Centur em Belém.

israelita de Belém, juntamente como seus padrinhos e testemunhas Raquel e Jacob Sicsú, e David José Sicsú⁴⁸, respectivamente. Certamente, em ocasiões como essas, as famílias judaicas apresentavam seus filhos à comunidade e realizava a circuncisão nos meninos já crescidos, momento em que ele recebe seu nome hebraico (ROSENBLATT, 2000).

Alegria lastima a sua vivência em Gurupá como dias difíceis. Como se já não bastasse as hostilidades das pessoas acerca de sua conduta religiosa, diz que foi em Gurupá que sofreu as perdas de alguns de seus filhos, uns adultos outros ainda crianças⁴⁹. Na ocasião da entrevista, restavam-lhe somente três filhos: Rafael, Syme e Samuel – todos já casados com católicos. Seu filho Mair, casado com Leonor, foi coletor estadual de impostos no município e, numa viagem pessoal a Belém, em embarcação própria chamada “Alegria”, nome de sua mãe, foi vítima de um naufrágio no estreito de Breves, em que não houve sobreviventes. Segundo relatos de Adelino Pantoja, Mair levava em sua companhia uma filha; e complementa dizendo que não foi esclarecida a causa do acidente.

Samuel Castiel casou-se com Lourença, a Lolita. Existe uma história contada por Adelino Pantoja, que Lolita, moça humilde, morava com sua madrinha, D. Inacinha, senhora católica, muito religiosa por sinal, na cidade de Gurupá. Esta moça era cortejada por Samuel Castiel e Wilson Benathar, ambos os filhos de judeus. Porém, a senhora fazia gosto que ela se casasse com o “Benathar”, pois este era filho de judeu, mas já era batizado na igreja católica, já o Castiel cumpria a sua tradição, junto com a família que já morava na cidade.

Certa vez, ao esconder da mãe que estava fumando, Samuel jogou o cigarro e, por infelicidade, caiu num pequeno barril de pólvora; quanto ele se atentou, era tarde. No acidente o rapaz ficou gravemente ferido, e chegou a perder um dos olhos: “o judeu ficou preto de olhos azuis, ele ficou muito queimado”, diz o senhor Adelino, que prossegue: “aí no desespero, na dor, ele só chamava pela moça... Lolita! Lolita! Mas nem ela queria ver ele; ela não gostava dele, mas acho porque ele era judeu, porque os Castiel era gente de dinheiro”.

Para concluir a história, as pessoas da cidade, até mesmo a sua madrinha pediu que Lolita fosse vê-lo e aceitar sua corte, pois Samuel condicionou sua vida ao casamento dos dois. Segundo o entrevistado, mesmo contrariada, mas com compaixão, Lolita aceitou casar-se com ele, e tiveram seis filhos: Mimon, Samuel, Haroldo, Auristênio, Ênio e Moisés, e após alguns anos foram embora da cidade, coincidindo com a mudança da família Castiel para Porto Velho, em Rondônia. Em 1984, Lolita esteve em Gurupá, acompanhada

⁴⁸ Registro de Nascimento. Termo: 4. p. 3. Ano 1888. Cartório Lobato.

⁴⁹ Cl. Cad. 2. p. 72. – D. Alegria. Disponível na Biblioteca do Centur, em Belém.

por um de seus filhos, para que ele conhecesse a sua cidade natal, e para rever os velhos amigos, segundo o senhor Adelino.

Sandra revela que Lolita era uma mulher caridosa e sábia. Ela e sua avó eram muito amigas, e afirma que sua morte “por tristeza”, diz ela, advém da perda de seu filho Mimon. Revela, também, que após a morte de seu avô Moyses e seus filhos Moisés e Mimon, em Belém, estes acometidos da mesma enfermidade e com óbitos poucos dias de diferença um do outro, sua avó Alegria mudou-se para Porto Velho, Rondônia, com sua irmã Sol Serfaty e seus filhos Syme e Samuel. E diz que ainda chegou a testemunhar as crises de depressão de sua tia Syme, e tem uma vaga lembrança de sua avó Alegria: “minha avó tinha um olhar triste... e, hoje, eu compreendo o porquê”. Sandra refere-se às histórias que seu pai contava a respeito da trajetória deles no “Gurupá Saudoso”, como Rafael referia-se ao município.

Rafael Castiel casou-se com a professora Marise Magalhães⁵⁰, com quem teve sete filhas: Léa, Ana, Helena, Sônia, Mariza, Sandra, Enid, e de uma relação extraconjugal nasceu um menino, Rafael. Ingressou na política gurupaense, assumiu a intendência do município, em meados da década de 1940, segundo a sua filha Sandra, nomeado por Magalhães Barata. Da relação de Rafael com Marise, Sandra conta que foi um drama para sua avó Alegria, pois a mulher do filho não era de origem judaica: “meu pai contava que minha avó vestiu a casa de luto por causa do casamento”.

Ainda como intendente municipal de Gurupá, Rafael foi responsável pela abertura da estrada no município, segundo Adelino Pantoja, como mostra a Figura 8, o intendente junto com sua esposa, sentados às margens da estrada. Sandra Castiel acusa que esta fotografia tenha sido tirada na gestão de seu pai como intendente de Gurupá, pois não tem conhecimento de alguma obra dessa natureza em Rondônia, no período de sua gestão como prefeito. Logo seguiu com a família para Porto Velho (RO), onde concentra uma importante comunidade judaica, e onde continuou na vida pública – foi vereador, prefeito da capital do território de Rondônia, bem como sua esposa, que também teve sua vida vinculada ao desenvolvimento da educação e da cultura locais. Atualmente são pessoas lembradas em Porto Velho pela sua conduta na vida pessoal e pública, e esse prestígio estenderam-se as suas filhas e demais parentes.

Nessa perspectiva de resistências aos costumes cristãos, os judeus enfrentaram uma realidade amazônica esboçada na simplicidade do homem ribeirinho, porém cerceada há séculos pelos costumes do velho mundo: contemplar a unidade judaica frente às inovações do

⁵⁰ Segundo sua filha Sandra, Marise Magalhães pertencia à família influente em Belém, a de Magalhães Barata, seu avô materno era juiz da Comarca de Gurupá e numa dessas viagens, conheceu Rafael.

mundo novo, com a iminência da assimilação cultural amazônica era só uma questão de tempo. E esse fato comprometeria a conduta rigorosa dos preceitos do Judaísmo.

A tradição em comunidade ainda foi possível, mas a ponte estava feita e, ao que parece, foi atravessada.

Figura 8 - Rafael Castiel e esposa Marize Magalhães. Gurupá, Pará (1944).



Fonte: Arquivo pessoal de Sandra Castiel.

1.1.2 - Rio adentro

Na tentativa de inserirem-se num universo oposto ao seu, os judeus foram envolvidos sutil e paulatinamente no mundo amazônico. O “ser judeu”, que ora estava crédulo de sua tradição, aos poucos ia moldando-se aos novos hábitos ribeirinhos.

No que se refere às uniões matrimoniais, através dos depoimentos e nos livros de registros de casamento observa-se que não há ocorrência desses enlaces, nem qualquer ratificação de

acordo matrimonial entre judeus no município de Gurupá⁵¹. No entanto, aqueles que por ali aportaram nos idos de 1880 ou trouxeram a esposa ou “mandaram buscar”⁵² na terra natal”.

O período de variação dessas uniões é identificado no Quadro 2, cujos dados demonstram alianças constituídas a partir da mesma origem e comungando da mesma crença, correspondendo ao período da chegada desses imigrantes, no final do século XIX. Nota-se que as famílias de sobrenome serfaditas confirmam as amarras à tradição judaica, e, portanto, a prática de cerimoniais e a transmissão desses valores para seus filhos.

Quadro 2 - Demonstrativo de uniões conjugais.

Nome	Origem	Cônjuge ⁵³	Origem	Crença	Ano
Fortunato Cohen	Tanger/Marrocos	Carlota Cohen	Tanger/Marrocos	Judaísmo	1892
Moyses Levy	Tanger/Marrocos	Halia Dabella	Tanger/Marrocos	Judaísmo	1892
Izaak Marcos Elzanat	Tanger/Marrocos	Ester Elzanat	Tanger/Marrocos	Judaísmo	1896
Jacinto Jayme Aben-Athar	Tanger/Marrocos	Helena Bensabath Aben-Athar	Bragança (PA) ⁵⁴	Judaísmo	1882
José Bensabath	Tanger/Marrocos	Júlia Bensabath	Tanger/Marrocos	Judaísmo	1882
Marcos Jayme Aben-Athar	Tanger/Marrocos	Sol Nahon Aben-Athar	Gibraltar ⁵⁵	Judaísmo	1885
Abraham Serruya	Tanger/Marrocos	Ester Serruya	Tanger/Marrocos	Judaísmo	1888
Jacob Sicsú	Tanger/Marrocos	Rachel Sicsú	Tanger/Marrocos	Judaísmo	1888
Moyses Cohen	Tanger/Marrocos	Raquel Cohen	Tanger/Marrocos	Judaísmo	1899
Moyses Jacob Castiel	Tanger/Marrocos	Alegria Serfaty Castiel	Tanger/Marrocos	Judaísmo	1899
Jacob Marcos Benathar	Tanger/Marrocos	Francisca Rodrigues Abrantes e Antonia Gonçalves	Gurupá (PA)	Cristãs	-
David José Sicsú	Tanger /Marrocos	Agostinha Maximiano de Farias	Gurupá (PA)	Cristã	-
Simão Benayon	Tanger /Marrocos	Itelvina dos Santos	Gurupá (PA)	Cristã	-
José Salomão de Barros	Tanger /Marrocos	Romana Pereira	Gurupá (PA)	Cristã	-
Salomão Serfaty	Tanger /Marrocos	Raimunda Gonçalves	Gurupá (PA)	Cristã	-

Fonte: Cartório Lobato (2014).

Todavia, o Quadro 2 demonstra, também, que os cinco últimos cônjuges contraíram união com mulheres nativas, possivelmente moradoras da região na qual assentavam comércio. Como é o caso do Simão Benayon e a negra Itelvina dos Santos, que morava no rio Ipixuna, junto com sua mãe, bem como Raimunda Gonçalves, também moradora do mesmo rio. Agostinha Maximiano de Farias era moradora do rio Moju, onde David Sicsú tinha terras; o caso do Jacob Marcos Benathar, que morava no rio Taiassui, onde possuía terras, teve como primeira companheira Francisca Abrantes, também moradora do mesmo

⁵¹ Para os judeus o casamento religioso é considerado legal e legítimo. Sobre este tema, ver Blay (2009, p. 238).

⁵² Era uma forma de contrair matrimônio com uma moça de boas virtudes.

⁵³ Como não há registros de confirmação de uniões entre judeus no Cartório Lobato, os dados serão baseados pelo nome do cônjuge. Sobre casamento judaico, ver Paiva (2010, p. 41).

⁵⁴ Livro de nascimento, nº 276, p. 40. Ano 1899. Cartório Lobato.

⁵⁵ Registro de Livro nascimento, Termo: 167/168. p. 93. Ano 1890. Cartório Lobato.

rio, e assim que esta faleceu, adquiriu terras no Rio Ipixuna e uniu-se à Antonia Gonçalves, irmã de Raimunda Gonçalves, e Romana Pereira, natural do rio Bacá, ressaltando que essas mulheres eram de origem humilde, possivelmente de famílias nativas ribeirinhas ou de imigrantes nordestinos.

Apesar de resistirem à tradição, as uniões de casais de judeus e não judeus assinala um modo de se adequar aos novos padrões estabelecidos pela terra nativa.

João Pinto conta que Zé de Barros, quando bem “endinheirado”, no início da década de 1910, viajou para a sua terra de origem levando o seu filho Walter,⁵⁶ já falecido, na época com apenas quatro anos de idade, mas antes de partir ele pediu para a sua companheira, Romana, que o esperasse, pois ele voltaria. E assim ela fez. Ficou no barracão para não perder a freguesia. Passados quatro anos, ele retornou a Gurupá completamente sem dinheiro. Logo em seguida partiu para o rio Taiassui, onde morava o Jacob Marcos Benathar, pedindo que o ajudasse a recomeçar, e comenta: “assim que voltou, a companheira dele ficou grávida... nasceu a Estela, menina branca, que ficou mulher bonita, educada.” E refletindo continua:

Sabe, eu digo companheira porque esse pessoal assim como o Zé de Barros, judeu, não casa com gente brasileira, só se ajunta. E depois de voltar da viagem, o Zé de Barros foi impedido pela família do pai de retornar, e não voltou, já morreu pra cá, no Brasil.

A doutrina judaica afirma que a felicidade familiar está em comungar da mesma religião. Nessa perspectiva, as uniões exogâmicas não eram aceitas pela comunidade judaica, de modo que isso implicaria na educação dos filhos, além disso, este fato seria desfavorável para a perpetuação da linhagem judaica. Quando isso acontecia, os judeus eram afastados da comunidade, bem como os seus filhos (BENCHIMOL, 2008, p. 178).

É certo, também, que muitos jovens que moravam em Gurupá, filhos de famílias tradicionais de judeus remediados que, devido aos lucros nos negócios da borracha, foram beneficiados com melhores condições de vida, indo morar na capital do Pará. São exemplos dessa ocorrência os filhos de Jacintho Jayme Aben-Athar e Helena Bensabath, judeus de doutrina ortodoxa, que já eram casados quando chegaram ao município. Esta situação favorecia aos jovens a professarem o Judaísmo, uma vez que em Belém se concentrava grande parte dos imigrantes judeus estabilizados financeiramente, sendo, portanto, um lugar propício para o casamento dentro dos princípios judaicos, segundo a tradição e os costumes.

⁵⁶ O Decreto nº 19.710, de 18 de fevereiro de 1931, obriga ao registro, sem multa, até 31 de dezembro de 1932, dos nascimentos ocorridos no território nacional, de 1 de janeiro de 1889 até a publicação deste. Desse modo, todos os filhos, frutos de uniões não consensuais eram registrados com o sobrenome dos pais. Os dois filhos de Zé de Barros foram registrados com o seu nome, segundo a viúva de Walter, Rosilda Pereira, de 86 anos.

No entanto, o comentário de João Pinto em relação à resistência ao casamento, pode ser atribuído à exigência que o judeu adota na escolha da companheira, geralmente espelhada na sua mãe, que tem a incumbência de “eleger” a esposa que vai acompanhar e proteger os seus filhos ao longo da vida.

As mulheres judias são responsáveis pela condução e harmonia do lar, porém, isso não determina que a comunidade judaica alimente as ideias machistas, eximindo as obrigações do marido nesse processo, como ressalva Paiva (2010):

Percebe-se que o lar judaico é um espaço prioritariamente feminino, e as atividades desenvolvidas dentro deste lar (e relacionadas a ele), são muitas vezes desempenhadas por mulheres. A maior inserção feminina nas atividades ligadas ao lar não é algo absoluto e evidente no contexto geral das famílias judaicas. Tais representações são muitas vezes reforçadas pela imagem que se consolidou da “mulher/mãe judia”, muito presente no imaginário coletivo judaico. (PAIVA, 2010, p. 32).

Na ausência dessa prática judaica na Amazônia, o imigrante judeu adequava o seu modo de vida dentro de suas possibilidades. Como relata Dico Camarão:

Meu avô era um homem muito rigoroso com as coisas dele, digo, de judeu, dos negócios de comércio e de sua casa. Quando ele se “ajuntou” com minha avó, ele ensinou ela a preparar a comida dele, como era segundo a religião dele. Dia de sábado ela preparava uma mesa com velas e uma espécie de pão e cobria com uma toalha, acho que era comida, depois ele fazia umas orações e não permitia barulho algum. O homem era sério mesmo com essas coisas. E minha avó fazia direitinho.

Ainda assim, longe da comunidade judaica, Simão Benayon confiou sua vida à mulher que escolheu como companheira, e a respeitou até a sua morte.

Neste aspecto, Paiva (2010, p. 56) define as relações construídas sem interferência do Judaísmo como “casamento misto”, no qual os diferentes valores são compartilhados, tendo a mesma importância na criação dos filhos, não os fazendo menos judeus.

A personalidade forte, porém reservada, de Simão Benayon, era conhecida entre os moradores da região do Carrazedo, mas em sua casa era diferente, como garante a sua neta, Raimunda dos Santos Benayon⁵⁷, de 68 anos, chamada carinhosamente de Poíta, apelido dado pela família.

Eu era criança, calculo que eu tinha uns sete a oito anos [...] aí quando o velho Simão chegava em casa eu corria pro quarto, eu tinha medo dele [...] ele não era ruim, era porque ele era grande, branco, vestia aquelas roupas claras, todas as roupas dele eram de cor clara, vinha arrastando o chinelo de couro, simples. Como eu era criança, pensava que ele era brabo, mas era só o jeito dele, ele falava manso.

⁵⁷ Neta de Simão Benayon, católica, aposentada, mora nas terras que herdou do avô.

O curioso é que seus filhos cresceram testemunhando esse universo relacionado à origem do pai. Poíta recorda do que seu pai, Jayme Benayon, o primogênito, falava aos filhos e sobrinhos sobre os ensinamentos do pai. Ele dizia: “vocês devem se casar com quem conhecem bem, pra que não tenham que padecer na vida [...] o certo é vocês se unirem pra que o sangue não se espalhe”. Esta inquietação parte do ideário judeu, que prevê para as uniões ideais e para fins de unidade religiosa, as moças que a família conhece, sendo uma prima ou vizinha, pois a sua conduta já é reconhecida pela família e, conseqüentemente, pela comunidade judaica. Sobre esta questão, Benchimol (2008) afirma:

O Talmud, em sua milenar sabedoria, recomenda aos jovens que se casem de preferência com a vizinha, pois a sua mãe conhece, melhor do que ninguém, as virtudes, atributos, dons e, também, as mazelas, o gênio e se é ou não *messugá* (haquitia para desmiolada) ou *endiamantada* (haquitia para uma jovem de boa educação que brilhasse como um diamante). (BENCHIMOL, 2008, p. 89).

Poíta é casada com seu primo Dico Camarão. Mas afirma que não foi porque o pai falava: “a gente se agradou um do outro”, diz sorrindo.

Quem faz o mesmo comentário sobre as uniões entre judeus é Zito Sicsú, pois quando viajava com seu pai para o rio Moju em visitas de negócios, ia até a casa do seu amigo Wilson Benathar para conversar com sua irmã Deborah, e ouviu o amigo dizendo: “vocês vivem de conversa, olha Zito, vocês deviam casar pro sangue não espalhar. Aí eu respondia: se ela aceitar!”; e ressalva: “a Deborah era mulher bonita, simples, educada, prendada, mulher pra casar”. Essas qualidades eram e são indispensáveis para um bom casamento judeu, que valoriza a simplicidade, julgando ser um elemento natural da riqueza espiritual de uma pessoa.

Sabe-se que muitas mulheres judias casaram-se aos 13, 14, 15 anos⁵⁸: Helena Bensabath tinha entre 15 a 17 anos quando se uniu a Jacintho Jayme Aben-Athar, que tinha entre 28 a 30 anos, bem como outros jovens casais que por aqui aportaram.

Pelas análises, percebeu-se que os filhos de judeus que nasceram em Gurupá entre 1890 a 1915 ainda mantiveram alguns costumes, porém tiveram que lidar com as hostilidades de alguns moradores com atos exaltados. Conta-se dos abusos que alguns jovens alunos cometiam contra os filhos dos judeus na única escola da cidade, por ocasião da sexta-feira Santa.

A Escola Isolada Mista – hoje a Creche Casulo, em Gurupá, comportava uma única turma entre filhos de judeus e de nativos, estes últimos já estavam corrompidos pelo

⁵⁸ Para o Judaísmo, as mulheres amadurecem, física e emocionalmente, mais cedo que os meninos, sendo que a maioridade judaica para os homens é alcançada aos 13 anos, quando é realizado o Bar Mizvah. Desse modo, as uniões das jovens nessa idade estão de acordo com a tradição judaica (ver PAIVA, 2010, p. 98).

pensamento antijudaico. Os relatos de Adelino Pantoja sobre esses fatos baseiam-se nas conversas com seu pai, que também era estudante na época. Assim ele relata:

Assim que meu pai chegou aqui em Gurupá, o meu avô matriculou ele na mesma escola que os judeus estudavam, eles eram uns quantos [...] aí quando chegava a Semana Santa eles penavam na mão dos garotos da escola – jogavam papel neles, chingavam eles de tudo quanto é coisa, mas eles não se calavam, não.

Adelino Pantoja continua a sua narrativa dizendo que os judeus ficavam enfurecidos com as provocações a eles dirigidas, de modo que passavam a manifestar a devida irritação diante das atitudes dos ditos alunos – os nativos.

A aversão pelos judeus atravessou o tempo, e atualmente os seus descendentes sentem a repulsa quando relacionam seus nomes a uma religião e a um passado marcado pelo sofrimento. Dinair Lima Benayon⁵⁹, de 57 anos, relembra com indignação as ofensas que lhe diziam:

Quando eu tinha uns dezoito a vinte anos, fui morar em Belém, e arrumei um emprego numa fábrica. Era muito trabalho, e lá, quando os colegas souberam meu sobrenome, me acusavam de ser “uma delas”, se referindo a assassina de Jesus Cristo, olha isso foi muito cruel [...]. Eu sou católica.⁶⁰

O nome judeu é um aspecto valioso para a cultura judaica. É ele que vai *nombrar* – homenagear seus ancestrais; daí a repetição dos nomes na mesma família, e cabe à mãe judia a responsabilidade de gerar muitos filhos, fazendo com que eles recebam os nomes de seus avós paternos e maternos, como bem registra Benchimol (2008, p. 177). Considerando este fato, o nome hebraico, além de estar relacionado com a sua origem bíblica, também está ligado a sua nacionalidade. Entretanto, podemos citar exemplos de filhos de judeus que receberam nomes não comuns ao universo judaico: dois filhos de Jacob Marcos Benathar – Néelson e Wilson – receberam nomes de origem inglesa. É certo que sua avó, Sol Nahon Aben-Athar, era natural de Gibraltar, território ultramarino pertencente à Grã-Bretanha, localizado na península espanhola.

Atualmente, observa-se essa prática judaica pelos seus descendentes que migraram para o município de Gurupá. Assim como os filhos de Simão Benayon, os demais filhos de Jacob Marcos Benathar também receberam nomes de origem hebraica, com algumas exceções. A seguir, apresento uma lista de nomes judaicos identificados durante a pesquisa,

⁵⁹ Neta caçula de Simão Benayon, católica, mora na cidade e detém, junto com irmãos e sobrinhos, a posse das terras localizadas no rio Inajá.

⁶⁰ O antijudaísmo está atribuído às histórias de aversão dos cristãos ao povo hebreu, que atravessaram o tempo para justificar todos os males a cristandade (FOLLADOR, 2013, p. 10). A autora discorre sobre o antijudaísmo como estratégia política nos conflitos dinásticos no Reino Castela, no século XIV, que vão desdobrar-se na expulsão dos judeus da Península Ibérica, no século seguinte.

referentes às gerações subsequentes à frente pioneira no município: Jacob, José, Jaime, Sultana, Moisés, Syme, Jacinto, Deborah, Sol, Ester, Judith, Levy, Marcos, Ruth, Simão, Sarah, Menahen, Raquel, Mair, Salomão, entre outros.

Nesse processo de ajuste das suas tradições aos modos amazônicos, o judeu aceitou o desafio de lidar com o diferente e adaptou-se à nova realidade, inclusive a utilização de nomes tipicamente brasileiros, de influência europeia. Uma vez em solo amazônico, o judeu que já havia padecido com as mazelas impostas no decorrer da vida, teve que aprender a língua do nativo, mas trazia na bagagem um linguajar que possibilitou a aproximação entre os povos.

1.1.3 - Todos semos Hijjoz ded Dio

Os judeus sefaraditas que migraram para a região amazônica falavam a hakitia, um dialeto que se assemelha ao castelhano, um misto de espanhol, árabe e hebraico (MIZRAHI, 2006).

Álvaro Cunha, mestre em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), ressalva que a hakitia deve ser diferenciada do ladino, embora ambos sejam de origem castelhana, uma vez que este dialeto é usual entre os judeus sefaraditas que imigraram para a Turquia, Sérvia, Bulgária, Romênia, Grécia, Israel e França, havendo uma mistura de palavras gregas, turcas, francesas e hebraicas. Basicamente era o que se falava em Castela no século XV. A hakitía é considerada um dialeto historicamente oral e pouco escrito, habitual dos judeus sefaraditas, que desceram para o norte da África. É uma combinação do árabe e do hebraico litúrgico (CUNHA, 2009. p. 11).

Na Amazônia, é possível que a proximidade da hakitía com o português tenha facilitado o entendimento com os nativos. As constantes reuniões que aconteciam rio adentro e as frequentes viagens a Belém, constituíam uma reafirmação ao compromisso com o Judaísmo, ocasiões em que o judeu expressava o modo de “ser judeu” acomodado pelo *guezerá*.

Dico Camarão, assim como a sua esposa Poíta, comentam sobre uma língua diferente que seu avô falava. Segundo Dico: “o meu avô Simão, além de ensinar como era feita a comida dele, ensinou uma linguagem diferente pra minha avó, uma espécie de idioma diferente [...] e ela conversava com ele” e complementa a neta Poíta: “e nós, escutando aquilo, aprendemos um pouco”. No decorrer da entrevista há uma conversação entre os dois, que afirmam ser a linguagem que seus avós falavam, no entanto, asseguram que não conseguiriam escrever, uma vez que aprenderam “de ouvido”.

Relembrando das falas de Adelino Pantoja, quando os meninos judeus eram insultados na escola, para se defenderem, eles balbuciavam palavras que os outros não entendiam: “os judeus se reuniam e falavam uma língua estranha, parece que estavam reclamando, era um barulho medonho”.

De acordo com essas falas, as análises apontam para um método de comunicação criado pelos judeus amazônicos que moravam no município de Gurupá. Se for a hakitia, cabe às pesquisas desvendar.

E, mesmo trilhando caminhos angustiantes, num universo avesso ao seu, esses estrangeiros foram se integrando aos poucos, influenciando e modificando socialmente aquele lugar por muitas décadas.

2 - A JORNADA DOS JUDEUS EM GURUPÁ

Bem, continua o intendente, aqui é o casarão do Coronel Cácio. Nesta calçada ele passeia, entonado. Somos vizinhos, moramos nessa nossa residência oficial, sala e alcova para os dois que somos nós, Intendente e Secretário, os fundos para o Capitão e senhora. Vizinhos somos também do seu Bensabá, o judeu marroquino, com as duas portas do negócio e a da moradia, sempre à espera que chegue o sonhado telegrama – Me agredite! Me agredite – anunciando a alta da borracha. (JURANDIR, 1978, p. 32).

Apesar da presença importante em períodos turbulentos no município de Gurupá, a trajetória das famílias judaicas permaneceu encoberta pelas sombras da notoriedade dos grandes colonizadores estrangeiros, pelos heróis da política nacional e, mais recentemente, pela ascensão dos movimentos sociais, que muito enriquecem a história dos gurupaenses. Sabe-se que muitos contribuíram para a formação social e política do município, e, além de aquecerem a economia local nos idos do auge da exploração da goma elástica.

Nessa perspectiva, o estudo sobre essas famílias aponta para uma ampla compreensão da história do município, através das experiências de “pessoas comuns” vinculadas às figuras habituais da história. Sharpe (1992) situa essa problemática em:

Como nossos sentimentos nos recordam, a expressão “a história vista de baixo” implica que há algo acima para ser relacionado. Esta suposição, por sua vez, presume que a história das “pessoas comuns”, mesmo quando estão envolvidos aspectos explicitamente políticos de sua experiência passada, não pode ser dissociada das considerações mais amplas da estrutura social e do poder social. (SHARPE, 1992, p. 31).

No contexto sociopolítico gurupaense, além dos grandes comerciantes não judeus, como Liberato Borralho, Francisco Lima⁶¹, Manoel Lourenço e os irmãos Manoel e Daniel Serra, estes últimos de procedência portuguesa⁶², estavam presentes também os judeus comerciantes e seringalistas, pessoas com um histórico avesso aos munícipes, abrigados ali por circunstâncias históricas, porém mantinham relações sociais e políticas no contexto municipal, que se estendiam do interior à cidade e também, a saber, em âmbito estadual.

Esta elite social e política consolidou-se no decorrer de um longo período no município, sendo protagonista de ocorrências conflituosas entre os seus membros, legando isso aos seus descendentes, segundo afirma Adelino Pantoja: “Naquele tempo não era comunidade que mandava em voto, era só patrões. As Areias (município de Melgaço) era uma secção de decisão de voto”. Nesse sentido, a perspectiva de registrar a trajetória desses judeus

⁶¹ Marina Lobato Cardoso. Entrevista concedida em 06/05/2015.

⁶² Manoel Mendes da Costa, o Júlio Pena. Entrevista concedida em 01/07/2015.

por essas paragens viria a reascender com o apoio da comunidade judaica da cidade e do governador da época, José Carneiro Gama Malcher, no período do Estado Novo, que contribuiu para que o primeiro judeu ascendesse como intendente municipal, rivalizando com os patrões do momento, que tinham o apoio da oposição baratista, agitando ainda mais o cenário social de Gurupá, finaliza Adelino Pantoja.

Decerto, este estudo também implica em trazer à luz, na história gurupaense, a jornada dessas pessoas que, à sua maneira, colaboraram com a estrutura social, econômica e política do município. Assim como Sydenham Lourenço Neto (2008) assinala a importância de revelar esses sujeitos sociais em sua análise sobre os marcos de identidade a partir de escolhas políticas dos imigrantes judeus no espaço carioca, nas primeiras décadas do século XX, em Gurupá, apesar das especificidades locais, as mesmas observações podem ser consideradas como pertinentes.

Acreditamos, contudo, que é bastante relevante realizar o estudo desse grupo, em primeiro lugar para combater esse “esquecimento” consciente, mas também porque pensamos que sem destacar os conflitos políticos vividos pelos judeus brasileiros estaremos perdendo importantes aspectos de sua sociabilidade. (LOURENÇO NETO, 2008).

2.1 - OS BENATHAR NOS ANAIS DA HISTÓRIA GURUPAENSE

Na história de Gurupá, somente dois judeus foram empossados como intendentes: Jacob Marcos Benathar, comerciante de larga notoriedade, que assumiu a intendência municipal (1935?); e Rafael Castiel, que o sucedeu, nomeado por Magalhães Barata. Conforme Júlio Pena, Jacob Marcos Benathar foi introduzido no cenário político gurupaense a partir da influência e do apoio do seu primo, José Jacintho Aben-Athar – o JJ Aben-Athar ou Dr. Zeca, como era conhecido pelos gurupaenses: “os parentes do Jacob era tudo gente grande”, morava em Belém, mas vinha constantemente em Gurupá, “principalmente em tempo de função política”, ressalva.

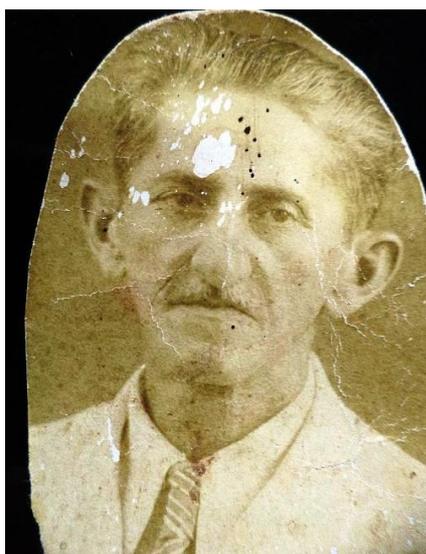
A disputa política entre o judeu e o coronel Liberato Borrvalho foi chamada de “eleição de um milhão para um tostão”, pois o seu oponente era apoiado por José Júlio de Andrade, o qual disponibilizou um de seus barcos para a campanha do coronel, e o judeu não tinha dinheiro suficiente para financiar a sua campanha, conta Adelino Pantoja. Sobre esta eleição, o entrevistado relembra as conversas que tinha com seu pai, e fala da tensão que pairava na cidade. E para acirrar ainda mais o conflito, na transladação para Belém as urnas eleitorais

foram violadas, sendo realizada eleição suplementar, da qual Jacob saiu vitorioso; assim como dos conflitos que se consolidaram pelo burburinho recorrente em face das ameaças do coronel Liberato Borralho contra o eleitorado: “você não podem votar no judeu, esse que foi culpado pela morte de Jesus” ou “tu quer que teu filho morra? É o coronel Zé Júlio que ta me apoiando”, bem como as frases sobre a derrota do coronel: “o maior capitalista caiu, perdeu a eleição”.

Para Adelino Pantoja, houve uma pequena melhora no município durante a administração de Jacob Marcos Benathar (Figura 9), e ressalta os tempos difíceis que sucederam a queda da produção do látex.

Ele fez o que foi possível para melhorar a cidade, que estava em desprezo pela queda da borracha. Sua primeira ação foi contratar os serviços de José Libânio Pará para roçar a frente da cidade, da casa do Liberato até ao Mercado Municipal (hoje a Biblioteca Municipal), depois os outros espaços foram limpos. Mas tudo era muito difícil.

Figura 9 - Jacob Marcos Benathar.



Fonte: Arquivo de família. Foto cedida por Gilberto Benathar Ballod.

A imagem acima retrata momentos raros do judeu, o período de intendente municipal que ocupara. Rosenblatt (2000) narra que “os judeus marroquinos da época não tinham o costume de se fazer fotografar”.

Surama Conde Sá Pinto (2013) analisa as intendências municipais como um elemento aglutinador entre as instâncias governamentais, uma vez que ali há um jogo de interesses políticos. E conclui:

Apesar de apresentarem uma boa visão geral do que foram estas gestões, o enfoque utilizado nestes trabalhos tem contribuído para a divulgação da ideia do papel do

prefeito como sendo o de um mero administrador ou um simples interventor da União no espaço da cidade. (PINTO, 2013. p. 13).

Jacob Marcos Benathar era filho de Marcos Jayme Aben-Athar e Sol Nahon Aben-Athar – ela natural de Gibraltar. Jacob nasceu em Gurupá, em 1887, cresceu junto com os primos em Gurupá, filhos de Jacintho Jayme Aben-Athar e Helena Bensabath Aben-Athar. Sua primeira companheira, Francisca Rodrigues Abrantes, também chamada de “Doca”, era filha de imigrantes nordestinos, cearenses, como muitos que vieram à procura de vida melhor. Esses imigrantes instalaram-se nos locais de grandes seringais, neste caso a família Abrantes alojou-se em terras do rio Taiassui, onde Jacob morava com seus pais. Dessa união nasceram dez filhos, sendo quatro homens: Néelson e Wilson, e os gêmeos que morreram logo ao nascer; e seis mulheres: Lucy, Dulce, Esther, Ruth, Judith e Sarah (Figura 10), certamente, esta fotografia remete ao período da ascensão política do chefe da família.

Figura 10 - Francisca Abrantes e filhos. Da esquerda para a direita: Francisca, Sarah, Lucy, Néelson, Ruth, Wilson, Dulce, Esther e Judith.



Fonte: Arquivo de família. Foto cedida por Gilberto Benathar Ballod.

Logo depois que Francisca faleceu, o judeu “amancebou-se” com Antonia Gonçalves, a Toca, que a conheceu numa de suas viagens ao rio Ipixuna, onde tinha terras e extraía produtos para comercializar: “o Jacob era metido a garanhão” – diz Júlio Pena. Com ela teve sete filhos: Deborah, Jayme, Menahem, os gêmeos Moisés e Jacob, Sol e outro menino que morrera ainda pequeno. Dos quatorze filhos de Jacob que se criaram, somente sete estão vivos. Há quem diga que Jacob vivia com as duas mulheres, uma vez que elas moravam em terras distantes uma da outra.

Sabe-se que Jacob Marcos veio morar na cidade no período que assumira a intendência do município e, segundo Júlio Pena, já estava amasiado com a Toca. Sua casa estava situada na primeira rua⁶³ (Figuras 11) – hoje há somente as ruínas da sua antiga residência, cujos últimos moradores foram sua filha Dulce, com seu filho Edson, esposa e suas filhas. Esta casa ficava ao lado da residência de Marinho Paiva⁶⁴, nas mediações da casa de Jacintho Jayme Aben-Athar, sendo que esta ficava do lado oposto da mesma rua. Na mesma conversa, o entrevistado menciona que Néelson Benathar havia lhe contado sobre as terras que ocupava na cidade. Ele dizia que pertencia aos judeus Aben-Athar (Figuras 12).

Figura 11 - Ruína da casa de Jacob Marcos Benathar. Localizada na primeira rua, em Gurupá.



Foto: Cássia Benathar, 2015.

⁶³ Atualmente, Avenida São Benedito, ainda chamada pelos gurupaenses de “Primeira Rua”.

⁶⁴ Oficial da Marinha, de origem portuguesa, era responsável pela fiscalização das embarcações que ancoravam no trapiche da cidade, segundo a sua neta Sônia Paiva.

Figura 12 - “Vila Benathar”, antigo local da residência de Jacintho Jaime Aben-Athar. Ao fundo, as ruínas da casa de Jacob Marcos Benathar.



Foto: Cássia Benathar, 2015.

A imagem acima mostra uma das casas das filhas de Néelson Benathar, Sime Benathar Miranda, situada à avenida São Benedito com a esquina da travessa Caíto (Artemógenes Mariocay) Fonseca, este que foi genro de Jacob Marcos.

Antes de sua morte, Néelson fez a partilha do terreno entre os filhos já casados, e esses logo ergueram suas casas, e cerca de vinte anos atrás se referiam àquele lugar de “vila Benathar”, pela disposição das casas dos irmãos, próximas uma das outras. Na ocasião das obras para a construção das residências dos filhos de Néelson, os operários se depararam com objetos em meio às escavações. Sérgio Lins guarda consigo as louças e moedas encontradas naquele lugar, alegando que sua irmã, Marinete Lins,⁶⁵ as mantinha sob sua guarda desde a sua descoberta. Atualmente, somente Jacinto Benathar, sua esposa e dois filhos moram na mesma casa que era de seu pai. Os demais se mudaram para o estado do Amapá, porém mantêm suas casas para eventuais visitas a terra natal, em datas festivas e pela iluminação do dia de Finados, pois seus pais estão sepultados no cemitério São Sebastião, em Gurupá.

⁶⁵ Marinete Lins, já falecida, viveu maritalmente com Jacob, filho de Néelson Benathar, com quem teve quatro filhos: Joyce, Jaciane, Giulia e Marcelo.

Não há comentários que Jacob Marcos Benathar tinha outros irmãos vivos em Gurupá. Consta em registro cartorial o nascimento de “*um inocente filho do declarante*”⁶⁶, mas logo adiante destaca: “*já falecido*”. Deborah Benathar Malato, filha de Jacob Benathar e sua segunda companheira, Antonia Gonçalves, a Toca, discorre sobre a história relatada por seu pai referente à trajetória de Marcos Jayme e Sol em Gurupá.

Marcos e Sol tinham a esperança de ter uma filha, mas toda vez que ela engravidava, nascia menino ou morria. Então eles diziam que o clima da Amazônia não era favorável para ela ter filha, quem sabe na terra deles ela conseguia ter uma menina, aí eles resolveram voltar para Tanger. E foram embora pra Marrocos, mas não adiantou e voltaram pra Gurupá.⁶⁷

Caracteriza-se como judeu aquele que nasce de mãe judia pela ortodoxia judaica (BENCHIMOL, 2008, p. 175), fato que traduz o anseio de Marcos Jayme Aben-Athar na busca do bem estar da esposa para que esta lhe desse uma filha, que implica, certamente, no papel relevante que a mulher tem na família, como mãe e esposa dedicada, obediente, aquela que cumpre seus compromissos (Ibid., p. 183).

Diferente de Helena e Jacintho Jayme Aben-Athar, irmão de Marcos Jayme, que tiveram vários filhos, Jayme⁶⁸, Mery⁶⁹, Nissin⁷⁰, Salomão⁷¹, Piedade⁷², Amadeu – o Habbi⁷³, José Jacintho, Syme e Judith, as duas últimas foram encontradas via internet, consulta em site de genealogia⁷⁴.

É fundamental salientar a importância da tecnologia para o sucesso dessa pesquisa, pois alguns dados referentes à família somente foram possíveis com o uso da internet. Conhecer e reencontrar através das redes sociais – Facebook e WhatsApp, grande parte dos descendentes da família Aben-Athar espalhados no Brasil e pelo mundo a fora, na Holanda, África do Sul, Inglaterra, Israel e no Marrocos, agregou às fontes documentais analisadas valiosas informações, mediante a sua veracidade, o que solidificou ainda mais a pesquisa. Decerto, dentre os descendentes localizados poucos professam o judaísmo. O encontro da fé em outras crenças foi o legado do processo de assimilação.

⁶⁶ Cf. livro de nascimento, Termo: 167/168. p. 93. Ano 1890. Cartório Lobato.

⁶⁷ Falecida em 16 de dezembro de 2014, aos 78 anos. Entrevista concedida em setembro de 2014.

⁶⁸ SANTOS, Aberlado. Aben-Athar o sábio de Gurupá (I). O Liberal, Belém, 12 de junho de 1983. Artigos, 1º Caderno, p. 8.

⁶⁹ Livro de nascimento, Termo: 226. p. 125. Ano 1891. Cartório Lobato.

⁷⁰ Livro de nascimento, nº 98, p. 40. Ano 1893. Cartório Lobato.

⁷¹ Cf. livro de nascimento, nº 276, p. 40. Ano 1899. Cartório Lobato.

⁷² Livro de Óbito, nº 35, p. 19. Ano 1896. Cartório Lobato.

⁷³ Amadeu Aben-Athar foi citado em entrevista online com seu filho, Max Aben-Athar.

⁷⁴ O site www.myheritage.com dispõe de numerosos registros mundiais para a constituição de árvore genealógica, com softwares que possibilitam o cruzamento de informações cadastradas.

Dada às circunstâncias de Sol Nahon Aben-Athar, pela sua pouca sorte no perpetuamento de sua linhagem, acredita-se que a maioria daqueles que partiram de Gurupá descendem dos filhos de Helena e Jacintho Aben-Athar, embora consideremos a quantidade de filhos de Jacob Marcos Benathar e seus descendentes.

Atualmente, os remanescentes dos Aben-Athar são reconhecidos também como Benathar. Essa modificação no nome deu-se nos eventuais registros cartoriais feitos em Gurupá, comumente na linhagem de Marcos Jayme Aben-Athar, pai de Jacob Marcos Benathar. A supressão do “A” e a junção dos compostos podem ser atribuídas à pronúncia do nome sem a pausa do hífen. Um dos filhos gêmeos de Jacob Marcos, Jacob foi registrado como Abenathar, bem como os seus filhos e netos.

A origem do nome Aben-Athar/Benathar⁷⁵ vem “da tribo de Benjamim, o filho amado de Deus, raça guerreira [...]. Dois importantes Benjamitas foram Saul, o primeiro rei de Israel (I SAM 9, 2) e Paulo, o apóstolo do Novo Testamento (ROM 11, 1)”, como registra Rita Benhatar, 40 anos, brasileira, neta de judeus, que mora na Holanda há quinze anos, foi aceita na comunidade judaica, onde comunga de seus hábitos⁷⁶. Ela declarou que não houve dificuldades para ingressar na congregação israelita, visto que seu sobrenome possibilitava esse passaporte, embora determine a *Halachá*, a lei judaica quanto à origem de “ser judeu”, corroborado por Benchimol de antemão.

Na história dos judeus e de seus descendentes é constante a repetição dos nomes, como mencionado anteriormente, sendo que muitas vezes causam confusão, por não se saber quem são avós, pais ou filhos – uma tradição mantida pelos judeus que migraram para Gurupá e seus descendentes. Tal costume de atribuir nomes de seus antepassados aos filhos causou estranheza ao meu acompanhante durante uma das várias visitas ao cemitério judaico da cidade para analisar as pedras tumulares ali dispostas. Ele se deparou com uma determinada lápide constando o seu nome completo – o que fez lhe chamar a atenção, logo pedindo explicação para aquilo que chamou de “coincidência”. Ainda espantado com o que vira, apontou para a lápide e falou: “Mãe, o que meu nome faz aqui nessa sepultura, eu ainda tô vivo! Incrível, meu nome por inteiro é muita coincidência!”.

Tratava-se da sepultura de Jacob Marcos Benathar, tri avô de Jacob Marcos Benathar Teixeira, estudante de 18 anos, que antes não aceitava o nome “Jacob”, por expressar algo antigo, caduco, “nome de velho”, protestava. Após uma breve explicação sobre o motivo de

⁷⁵ Ben, em hebraico, significa “filho” (BENCHIMOL, 2008, p. 171).

⁷⁶ Benchimol (2008, p. 176) afirma que “o Judaísmo não converte ninguém apenas o identifica e aceita como novo irmão na aliança de Abraham”.

receber este nome, Marcos, como é chamado pelos amigos, percebe a relevância e o valor que tem a história dos judeus na formação do povo gurupaense, e assegura que dará um valor especial ao seu nome a partir daquele momento. O estudante acredita que “Benathar”, além de um sobrenome diferente dos demais, retrata um passado gurupaense de grandes transformações políticas e sociais.

Observa-se que, do mesmo modo dos Aben-Athar, na linhagem de Simão Benayon não foi diferente, apesar de sua companheira ser uma nativa de origem quilombola, Itelvina dos Santos⁷⁷, que vivia no rio Ipixuna. Ela deu à luz a oito filhos, a contar por Jayme, José, Joaquim, Jofre, Helena e Anézia, este último dado pela mãe, segundo Dico Camarão, seu filho; e outros dois que morreram ainda recém-nascidos. Logo após a morte de sua companheira, Simão juntou-se com sua prima e tiveram um filho.

Embora na Amazônia a prática rigorosa do Judaísmo tenha sido desafiada cotidianamente pela tradição cristã, nos diversos testemunhos coletados identificam-se aspectos relativos às tradições judaicas.

Como fazia o judeu Simão Benayon, como lembra seu neto Dico Camarão: às sextas-feiras o seu avô se recolhia no quarto mais silencioso da sua casa, localizada nas proximidades do grande barracão, para fazer suas orações e jejuar, não trabalhava, “não atendia nenhum cliente”, e não acendia fogo; carne de animal só os ruminantes, nesse caso, para consumir a carne do boi, dizia como devia sacrificá-lo (Cf. MAUÉS; GUIMARÃES, 2008).

Assim também ocorria em outras localidades, como no rio Moju, por exemplo, região de maior concentração de judeus, como garante dona Maria Viana, que presenciou muitas cenas de reclusão do judeu Zé de Barros.

O Zé de Barros era judeu verdadeiro. Quando chegava o dia de sábado, ninguém fazia comida na casa dele, minha madrinha Romana, mulher dele, ia lá pra casa fazer comida, a nossa casa ficava em frente ao barracão, ele só ia acender fogo lá, só depois que visse uma estrela no céu.

Há quem diga que Zé de Barros e Jacob Marcos Benathar eram parentes; outros dizem que eram apenas sócios nos negócios. No entanto, isto sugere que a proximidade entre as famílias judaicas, principalmente as que moravam no rio Moju, e as constantes visitas daqueles que viviam em outras áreas, possa estar relacionada à possibilidade do *minian*, pois a tradição judaica estabelece o mínimo de dez homens maiores de treze anos para a realização de qualquer ato religioso de caráter público (BENCHIMOL, 2008, p. 176).

⁷⁷ Não há registros cartoriais de uniões consensuais entre os judeus que viveram com brasileiras na região de Gurupá.

Nessa forma de resistência ao reunir com os patrícios, entende-se que esses judeus estavam ligados a algo maior, que escapava às contradições da terra adotada; a raiz de toda a tradição – a Torá, o que Rosenblatt (2000) chamou de “Árvore da Vida”. Certamente os depoimentos apontam para um “viver judeu” na Amazônia, apesar das hostilidades na nova terra.

Em seu depoimento, Zito Sicsú afirma:

Foi a minha avó que me criou, quando a minha mãe morreu eu era novinho, tinha três anos. A gente morava na cidade, meu avô já tinha morrido, mas ela dizia que ele atravessava o rio pra se encontrar com os seus patrícios, vez por outra [...] e quando ele viajava pra Belém, nos negócios dele, ele ia na sinagoga.

Menahem Jacob Benathar⁷⁸, filho de Jacob Marcos Benathar e Toca, comenta que seu pai manteve alguns costumes judaicos até o fim de seus dias: aos sábados ele se resguardava e “fazia suas orações, sozinho, isolado, minha mãe não deixava a gente entrar no quarto que ele tava”, não consumia peixe de pele, somente de escamas. Contudo, Menahem menciona um episódio singular, em detrimento à tradição de seu pai:

Minha mãe contava que quando meu pai veio morar na cidade, e já estava com a minha mãe, e os filhos da Francisca também moravam com a gente, a nossa casa era grande, ali na primeira rua. E então a mamãe quis batizar os filhos dela na igreja católica, e o meu pai deixou. Quando os outros filhos da velha Francisca viram aquilo, pediram a minha mãe para serem batizados também. Eles se batizaram depois de grande, um é padrinho do outro.

E segue falando da forma como o seu pai conduzia a família, com seriedade e rigor: “se por caso ocorresse alguma coisa que não era permitido, ele logo aplicava corretivo”. Segundo Menahem, seu pai foi muito severo com seus irmãos mais velhos, Néelson e Wilson, filhos de Francisca, que se divertiam com bebidas, cigarros e músicas, segundo ele, “coisas da juventude”, ao lembrar as muitas histórias que sua mãe, Toca, contava:

O Wilson e o Néelson tinham uns 13 a 15 anos, eles tinham um violão e ficavam horas e horas tocando na rua, varavam a noite com aquela cantarola, e se esqueciam de voltar pra casa, que tinha hora pra fechar. Quando deram pela hora, já era [...]. Não entraram, ficaram no relento, e no outro dia, aguenta o castigo. Chegou do meu pai trancar o Néelson numa cela, dessas fechadas com tela de arame, pra ele não sair, mas de lá mesmo, ele junto com o Wilson faziam as festas deles.

Uma das punições aplicadas aos filhos foi assumir os negócios da família no interior do município, onde o judeu tinha comércio. Néelson, o mais velho, foi para o rio Taiassui assumir o comércio que Jacob Marcos herdou de seu pai, Marcos Jayme, e lá conheceu Cecília Monteiro, com quem se casou e teve vários filhos: Sime, Judith, Jayme, José, Jacob, Jacinto, Néelson, Salomão, além de Daniel, com outra mulher, e adotou Merian ainda pequena. Já Wilson, com

⁷⁸ Aposentado, 72 anos, mora no rio Taiassui, mas possui casa na cidade, onde moram alguns de seus filhos.

apenas 13 anos, assumiu o barracão do rio Limão, no rio Moju, e o comércio que foi de Zé de Barros, que já havia falecido. Frente a essas condições, os dois voltavam à cidade somente a pedido do pai, lembra Deborah Benathar, que após a morte de seu pai foi morar com o irmão Wilson no barracão do rio Limão, que o criara como filha, e a quem ela chamava de pai.

Ao lembrar-se das terras do rio Taiassui, Menahem Jacob Benathar destaca a dimensão da área que pertencia a Jacob: “meu pai possuía dezessete estradas e meia de seringa, e junto com o Zé Lourenço, do Moju, foram os maiores seringalistas daquela região”. Ele assegura que há no Cartório Lobato o registro de escrituras dessas terras e das do rio Ipixuna, pois ao falecer, Jacob fez a partilha e deixou para os 14 filhos as terras do rio Taiassui, e para Toca, as do rio Ipixuna.

Atualmente, somente Menahem e seu sobrinho, Salomão Benathar, filho de Néelson, possuem áreas no rio Taiassui, sendo que este adquiriu as terras dos tios, que vieram morar na cidade e/ou partiram para outra localidade. E sobre as terras do rio Ipixuna, Menahem afirma que a mãe quis desfazer-se delas.

Além de primos, o vínculo entre Jacob Marcos e JJ Aben-Athar estreitaram-se a partir das relações políticas que o primo mantinha na capital do estado, como militante da oposição a Magalhães Barata. Segundo afirma Adelino Pantoja, Jacob aceitou o desafio político e se tornou líder do Partido Social Progressista (PSP) em Gurupá, junto com Francisco Lima, fazendo oposição ao Baratismo que se instaurara na cidade com o Partido Liberal. Sob o comando do judeu revelava-se uma extensa rede política para desarticular a influência política de Barata, que já se articulava com nomes e endereços no município: coronel Liberato Borralho, José Libânio de Souza Pará – o Zeca Pará, Daniel Pires Serra e Raimunda Machado Tavares – a Diquinha, representante da Legião Feminina fundada por Barata.

No contexto da eleição suplementar de 1935, que seguiu a disputa política entre Liberato Borralho e Jacob Marcos Benathar para assumir a intendência do município de Gurupá, Raimundo do Carmo foi contratado para ser o cabo eleitoral do judeu: “bicho preparado, bom de lábia”, diz Júlio Pena. E para essa disputa política, o governador do estado, Gama Malcher, pergunta a ele: “se tiver mil réis, tem condição de ganhar a eleição em Gurupá? Então pega [...] tanto mil réis e dá pro judeu”, lembra Adelino Pantoja, repetindo as palavras do governador.

A conjuntura política do município viria a calhar com o que Pinto (2013) chamou de nacionalização da política brasileira, pois o município não apresentara autonomia política, tornando-se um: “mero administrador de contas ou interventor do Governo Federal no campo político da cidade”. (PINTO, 2013, p. 4).

Com a vitória do judeu, além da capina na frente da cidade, foi construído um novo trapiche com galpões, pois o antigo estava em ruínas, além da instalação da primeira usina de força e luz em Gurupá – hoje o escritório da Rede Celpa, assumindo a função de maquinista o seu cabo eleitoral, recebendo a alcunha de Raimundo Maquinista, que logo se casou com sua filha Dulce, com quem teve dois filhos: Marcos e Edson, conclui Júlio Pena.

Apesar desse jogo político só para iniciados, parafraseando Pinto, “Me meter, nunca me meto” (JURANDIR, 1978, p. 40), Gurupá testemunha um crescente desenvolvimento político assinalado por notáveis articulações na esfera pública, legando ao município grandes estadistas.

Além de JJ Aben-Athar (Figura 13), homem de grande prestígio social e político no cenário paraense, que se estendeu ao longo das décadas do século XX, à frente do London Brazilian Bank e como Secretário de Finanças do Estado do Pará, em 1951, no governo de Zacarias de Assunção, o judeu teve uma forte influência para a projeção de Wilson Benathar no campo da política gurupaense, afirmam Júlio Pena e Adelino Pantoja. A fotografia abaixo retrata o período em que JJ Aben-Athar assumira a Secretaria de Finanças do Estado do Pará, em 1951.

Figura 13 - Da esquerda para a direita: José Jacintho Aben-Athar, José Maria Barbosa, Lopo de Castro, Alarico Barata. Belém, 1951.



Fonte: Antonio Ronaldo Camacho Baena, 2015.

Também merece destaque Jayme Jacintho Aben-Athar, primeiro filho do casal Helena e Jacintho Aben-Athar, que no início do século XX partiu com os pais para Belém, e seguiu para a capital do país para cursar a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na turma de 1907. Jayme tem o seu nome marcado na história da medicina brasileira como um incansável cientista das doenças tropicais, e junto com Osvaldo Cruz combateu a febre amarela no Pará,

fundou o Instituto Pasteur em Belém, especializado no combate à raiva; dirigiu o Laboratório de Biologia da Santa Casa do Pará, foi vice-diretor do Instituto Evandro Chagas e professor da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará onde formou várias gerações de médicos que se graduaram nesta faculdade⁷⁹.

Benchimol (2008) rememora a contribuição dos grandes médicos “judeus-amazônicos”, juntamente com outros colegas de profissão, para com os enfermos da cidade e do interior

Ninguém esquece, em Belém, da figura humanitária do médico Dr. Jayme Aben-Athar que, durante décadas, atendeu os pobres e a população paraense; nem dos grandes médicos, Dr. Leão Ezagui e Alberto Benayon, que nos anos 30 e 40, serviram com dedicação a população de Manaus. (BENCHIMOL, 2008, p. 163).

O laboratório da Santa Casa, o qual dirigiu nos anos de 1930, recebeu o nome e o retrato de Jayme Aben-Athar em homenagem aos serviços prestados à Medicina paraense e brasileira, assim como o Hospital Municipal de Gurupá, que herdou o tributo oferecido ao médico (Figura 14), a partir da Enfermaria Municipal chamada “Casa de Saúde”, atualmente o prédio conhecido como “Casa da Cultura”, construída na gestão de Wilson Jacob Benathar, em 1958, como lembra a sua nora Luíza.

Figura 14 - Unidade Mista Jayme Aben-Athar. Hoje Hospital Municipal de Gurupá, 1998.



Foto: Alê Corrêa.

⁷⁹ O bom doutor Aben-Athar. Obra biográfica que destaca as pesquisas do cientista no decorrer de sua vida médica. O livro foi doado pela família de JJ Aben-Athar a Wilson Benathar, na década de 1950, e ainda continua sob seu domínio.

No artigo de Aberlado Santos sobre o centenário do cientista⁸⁰, o autor descreve as circunstâncias em que Jayme nascera. Baseado na crônica de Sultana Levy Rosenblatt, “O cientista e a iluminada” publicada em 1981 no jornal O Liberal, o autor narra que Jayme veio ao mundo encoberto pela magia de uma pessoa predestinada ao sucesso (Figura 15). No dia em que nasceu apresentou sintomas de anorexia neonatal e foi considerado morto, e se estava envolto numa mortalha embaixo da cama, quando uma judia marroquina que morava na cidade, Halia Dabella, esposa de Moyses Levy, ao perceber o fato fez os esforços necessários para reanimá-lo, salvando-o. Halia era descendente do rabino Eliezer Dabella, dito milagroso (ROSENBLATT, 2000). Verdade ou não, por bem, o acaso encaminhou o jovem judeu à notoriedade. Jayme Jacintho Aben-Athar nasceu em dois de junho de 1883, em Gurupá e faleceu em 1951, no Rio de Janeiro.

Decerto que os pais do afortunado doutor o quanto fizeram para amealhar os centavos em muitos anos nesses rios da Amazônia, para proporcionar o bem-estar e dias venturosos aos filhos. Rosenblatt (2000) menciona tal semelhança dos fatos ocorridos em meados do século XIX, por ocasião da chegada e permanência na Amazônia de seu avô, Daniel Benoliel, e outros jovens judeus de origem marroquina, quanto às dificuldades do lugar, suportando os *progoms* – massacre, agressão, e a peleja diária no comércio nas margens do rio, que lhes renderam boas fortunas e comodidades na capital paraense.

Figura 15 - Jayme Aben-Athar.

⁸⁰ O Liberal, Belém, 12 de junho de 1983. Artigos, 1º Caderno, p. 8.



Fonte: “O bom doutor Aben-Athar”. Imagem exposta no Laboratório da Santa Casa em Belém.

Foi nessa circunstância de prosperidade, no início do século XX, que a família de Jayme seguiu para capital, e nos anos que se seguiram à depressão dos seringais, ainda com seus interesses comerciais e investido de político que Jacob Marcos Benathar, seguindo os passos de seus parentes abastados e ilustres, confiou a educação das suas duas filhas, Judith e Sarah, à família de seu primo JJ Aben-Athar, com a intenção que as mesmas tivessem um futuro próspero como os demais parentes.

O que se sabe a respeito das suas filhas: Sarah estudou em Belém, e logo se mudou para o Rio de Janeiro para continuar a formação, onde mora até os dias atuais, tem 80 anos, e segundo consta, ainda está solteira; e Judith casou-se e ainda mora em Belém. As demais filhas: Lucy, Dulce, Ruth e Esther, casaram-se e mudaram de cidade. Das quatro citadas, somente Esther está viva e mora com os filhos em Santa Catarina. Sobre o tempo decorrido em terras gurupaenses nada falam, mantêm-se afastadas dos demais irmãos, que desconhecem as suas histórias, seus modos de vida.

Sandra Castiel atribui o mutismo sobre a história familiar desses judeus e seus descendentes aos dias difíceis transcorridos em Gurupá, às circunstâncias que os levaram a perdas familiares, separações, sujeição, “Sendo que vocês, filhos de Israel, sentem mais a fundo as adversidades” (JURANDIR, 1978, p. 182); a amargura de seus avós e o abatimento de sua tia Syme, a judia de olhos marejados de Jurandir (Ibid., p. 169); o isolamento de Sarah e Judith, a insanidade de Esther. O sonho do Eldorado ao Inferno Verde (ROSENBLATT, 2000).

Com respeito a estas questões, Jacques Le Goff (1990) comprova que o debate histórico é alicerçado na organização dessas lembranças ou na ausência delas, projetadas num determinado tempo vivido, refletindo diferentes modos de vida: “O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, 1990, p. 426).

Os filhos de Toca, com exceção de Deborah, viveram com os pais no rio Ipixuna, após Jacob Marcos deixar a intendência, até alcançarem independência financeira. Ultimamente, Menahem mantém uma casa na cidade de Gurupá e no rio Taiassui, como ele diz: “essas terras são herança do meu velho pai”; Moisés mora no rio Ipixuna, em terras adquiridas por ele próprio; e Sol, a caçula dos dezessete filhos, mora em Almeirim.

Jacob Marcos morreu em 15 de agosto 1950, vitimado pela Malária, segundo seu filho Menahem, e está sepultado no cemitério judaico de Gurupá. O perfil de comerciante e político de Jacob Marcos foi legado aos filhos mais velhos. Antes da sua morte, o judeu pediu aos seus dois filhos, Néelson e Wilson, que jamais deixassem o comércio e a política, respectivamente, afirma Antonio Sabóia Filho, 87 anos, que recorda saudoso do amigo de velha data, Wilson Benathar, e diz: “foi um pedido do pai [...] ele seguiu os mesmos caminhos do velho Jacob”.

2.1.1 - Wilson Benathar: coragem e compromisso

Assim como o seu pai, Jacob Marcos, Wilson Jacob Benathar foi encorajado pelo primo JJ Aben-Athar a se envolver no mundo da política, de modo que sua história de vida se confunde com sua trajetória na vida pública.

Desde a tenra idade, por compulsão, foi induzido a enfrentar as dificuldades de uma jornada de responsabilidade, pela rigidez paterna, quando aos 13 anos recebeu a ordem para conduzir os negócios da família no rio Limão, afluente do extenso rio Moju, onde mais tarde casou-se e estabeleceu morada. Para os padrões da época, o comércio às margens dos rios era o mais rentável, visto que era a zona de exploração de produtos naturais e lugar onde sua família tinha muitos fregueses.

Para o judeu, os encargos dados ao filho faziam parte de seu crescimento moral, nada que acometesse a sua dignidade, pois os hábitos judaicos demandam que tamanha carga seja admitida (Cf. ROSENBLATT, 2000), visto que na tradição judaica os meninos alcançam a maioridade aos 13 anos (Cf. PAIVA, 2010, p. 98). E foi aos 14 anos que Wilson, munido do Decreto Federal, que obriga o reconhecimento paterno nos registros de nascimento,

juntamente com de seus irmãos mais velhos: Lucy, Néelson e Dulce, seguiram até o cartório para fazer o seu registro de nascimento⁸¹. A partir daí passaram a assinar o sobrenome do pai.

Wilson Jacob Benathar é o quarto filho de Jacob Marcos Benathar e Francisca Abrantes, nasceu em 25 de março de 1922, no rio Taiassui, casou-se em 1945 com Ináh Saldanha, filha única, que lhe deu um único filho, Hamilton. Conta-se que, semelhante a seu pai Jacob, era homem namorador, podendo ser pai de outros filhos, como alega Florisvaldo Fernandes, fruto de uma relação anterior ao seu casamento.

Sua primeira experiência política foi em 1954, como vereador pelo PSP, partido em que seu pai militava, e seu primo JJ Aben-Athar, deputado estadual na época, coordenava o diretório da bancada em Gurupá. Em 1956, inaugurou a escola “Dr. José Jacintho Aben-Athar”, em homenagem a seu patrono político, no prédio da antiga Escola Isolada Mista, tendo como convidado especial o general Alexandre Zacharias de Assunção. Nesta inauguração esteve presente a elite política estadual, como relembra Adelino Pantoja: na inauguração da escola, vieram as irmãs do Wilson, Sarah e Judith; elas dançavam com o primo e seus convidados políticos; foi uma grande festa naquele lugar.”

Eleito prefeito em 1958, foi sob a sua gestão a construção da enfermaria “Dr. Jayme Aben-Athar”, em homenagem ao seu primo e médico humanitário, uma ala externa para comportar os enfermos do município, sendo que o espaço da unidade de saúde era reduzido. Ainda nesse mandato, deu prosseguimento às obras da estrada e da pista de pouso da cidade, como garante Benedito Sanches.

No entanto, Wilson Benathar (Figura 16) acreditava que a educação era um componente fundamental para o progresso do município, ampliando a quantidade de escolas no espaço rural. A sua inquietação pela formação educacional e futuro próspero, considera-se como uma herança de seus antepassados, que não satisfazendo com seu filho, estendeu os seus anseios aos netos, mantendo-os em Belém para que obtivessem o título acadêmico. A fotografia abaixo foi tirada em uma de suas viagens a capital paraense, já como prefeito de Gurupá.

Figura 16 - Wilson Jacob Benathar e família. À esquerda, a irmã Deborah e a esposa Ináh; à direita, seu filho Hamilton. Belém, 1957.

⁸¹ Termo de Nascimento, nº 50. Ano 1936. Cartório Lobato.



Fonte: Arquivo da família Benathar.

Em seus seis mandatos como vereador de Gurupá, Wilson Benathar os honrou com justiça e compromisso, visando o desenvolvimento do município, o que fez dele um homem respeitado por seus correligionários e opositores, pela sua postura política. Em uma breve conversa com Raimundo Monteiro dos Santos, atual prefeito de Gurupá, político de esquerda, ele refere-se a Wilson Benathar como “um homem público que sabia fazer política”, pois reconhecia no seu opositor um aliado político, avançando e recuando no momento propício.

Quem corrobora com esse pensamento é seu correligionário e atual vice-prefeito, Manoel Francisco Evangelista de Matos, o Manel Chico, que utiliza a expressão “político espelho” ao referir-se à conduta de Wilson Benathar como um homem íntegro e sábio na sua vida particular e política, atribuindo essas qualidades às lutas partidárias que atravessaram décadas em Gurupá. Segundo o entrevistado:

Eu acompanho a vida das pessoas pelo seu comportamento, e o finado Wilson era um homem respeitador, trabalhador e dedicado, político bom pra se trabalhar, oposição boa de se trabalhar, expressava sabedoria pra quem estava chegando⁸², observo isso como experiências adquiridas do próprio tempo que ele viveu. Seu Wilson viveu a ditadura, momento perigoso, onde você se comporta ou por bem ou por mal, e é essa postura de pessoas de princípios que retrata a sua família hoje, seu

⁸² Manel Chico refere-se aos novos políticos daquele período, como Hamilton Rodrigues da Silva – o Bito, Beto Palheta, Ivanete Santos, Manoel Pedro Marques, este já falecido, entre outros.

filho Hamilton, homem que tinha todo cuidado no seu trabalho⁸³, e seus netos, pessoas de princípios, coisa que vem de suas raízes.

No decorrer de sua vida pública, Wilson aliou-se aos grandes nomes da política paraense, além de seu primo JJ Aben-Athar, Deodoro de Mendonça, Lopo de Castro, como assegura Antonio Sabóia. Júlio Pena lembra-se do “velho amigo” como o “chefe político de Gurupá” nos anos de 1960, seu maior colegiado estava nos rios Moju e Taiassui, sua terra natal e onde conservava as amizades da antiga clientela. Paulo Rodrigues Wanziler, 70 anos, que foi empregado de Wilson Benathar nos tempos da extração madeireira no rio Ipixuna, salienta que sua influência política atravessou os anos e elegeu Juvenal Tavares como prefeito de Gurupá, em 1972, pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Sua esposa, Raimunda Vieira Carvalho, também chamada de Sabá, 72 anos, fazia os serviços gerais na casa ROP⁸⁴ e recorda as diversas vezes que foi chamada para cozinhar e servir os políticos que chegavam à cidade durante os períodos eleitorais no município, diz ela:

Eu trabalhava na casa ROP como cozinheira e limpeza em geral, e quando chegavam os homens de Belém, me chamavam pra cozinhar pra eles, mandavam matar boi e distribuir pros eleitores [...] era uma coisa, uma fartura, reunia a elite dos políticos de Gurupá. Na eleição do Wilson Benathar, cozinhou na casa da dona Diquinha, que apoiava ele nessa época. Eu servia a elite política e social da cidade, recebia presentes dos juízes, coletores.

Borges (2010), em seu artigo sobre o conceito de elite no Brasil, recomenda que o uso do termo “elite” necessita ser contextualizado, para que não apresente equívocos na sua aplicação, de modo que a compreensão do objeto de estudo alcance a sua finalidade, haja vista que a expressão está sujeita ao substantivo que a qualifica: econômica, política, militar. Dentre algumas proposições apresentadas pelo autor, merece destaque a teoria de uma elite marxista defendida por Caio Prado Junior e Ilmar Rohloff de Mattos, caracterizada pelo antagonismo entre a classe dominante e a massa. Entretanto, em Bobbio, Borges adverte que a construção de uma sociedade elitista não está legitimada na incompatibilidade. Já com os estudiosos Pareto e Mosca, refere a existência de um conceito para a teoria de circulação das elites, defendendo uma elite cristalizada, inflexível quanto ao acesso de outros membros oriundos das massas. Porém, os autores não esclarecem como ocorre esse processo de circulação, a decadência de uma e ascensão de outra, empregando Carosa (2007, p. 79 apud BORGES, 2010).

Contudo, Borges (2010) defende que o conceito de circulação de elite está no “caráter posicional tanto de poder quanto de status”, uma vez que a elite é um grupo composto por pessoas e não compõe um processo e, a partir dessa ideia, considera-se “está” e não se “é” elite.

⁸³ Hamilton Benathar foi funcionário público por 11 anos, inclusive na gestão do partido defendido por Manel Chico, que fazia oposição à tendência de Wilson Benathar.

⁸⁴ Residência Oficial dos Prefeitos.

Do ponto de vista de posição, a aplicação do termo para esse contexto gurupaense é oportuna, visto que a classe antes constituída pelos patrões, donos de largas extensões de terra e seringalistas, comerciantes judeus e não judeus, nas primeiras décadas do século XX, passou a estabelecer-se em bases políticas a partir da década de 1950. Vê-se, então, que a solidez comercial de outrora servira como degraus para ascensão política dos muitos homens ilustres que subscreveram a história do município.

Mesmo inserido na política, Wilson Benathar não abandonou o comércio. Mantinha ao lado de sua casa uma “taberna”, um pequeno comércio com mercadorias variadas, do melaço ao tabaco, bem como os artigos de beleza, esmalte e batons, suprindo seus fregueses e muitas vezes seus trabalhadores, o qual foi fechado após suas longas viagens para a comercialização da madeira, um trajeto que ia do Gurupá – Rio Ipixuna – Porto de Moz – Belém – Gurupá, segundo sua nora Luiza. Há quem diga que o padrão monetário adotado em seu pequeno estabelecimento assemelhava-se ao aviamento, sistema de crédito baseado na troca, muito utilizado nos seringais na temporada de intensa exploração da borracha.

Assim como sua nora, seus netos asseguram que Wilson preocupava-se com o bem-estar e a harmonia da família, mantendo-a unida, baseado nos princípios que regem a moral e o respeito. Guardo em minhas lembranças a presença de um homem alegre e bem-humorado, que trazia a sinceridade no olhar.

Mantinha com os irmãos Deborah, Jayme, Menahen e Moisés, uma relação de estima e afeição, porém não mencionava a existência de Esther, Judith e Sarah, cujo tempo se encarregou de separá-los, conclui Luíza.

Por ter Hamilton como filho único de sua união com Ináh, Wilson Benathar optou por mantê-lo consigo até após o seu casamento com Luiza, nora que o tinha como um pai, e que lhe deu dez netos – sendo três mortos, e aos demais dedicou sua atenção, zelo e dedicação, colaborando com a formação moral e educacional, pois sonhava vê-los “doutores”. Embora não tenha reconhecido formalmente Florisvaldo como seu filho biológico, nutriu por ele afeição que se estendeu aos seus filhos, que o consideravam como avô. Marlúcia, sua filha caçula, desprendida de qualquer interesse, o estimava veementemente, lamentando a perda do “homem que lhe ofereceu amor puro e verdadeiro”, deu ao seu segundo filho o nome de Marcos Wilson, em homenagem ao avô, revela saudosa.

Seu afastamento do cenário político gurupaense deu-se nos últimos anos da década de 1980, mantendo-se fiel à sua corrente política e, relutante à ascensão comunista no município, voltou-se somente para o comércio madeireiro. Wilson faleceu em abril de 2010, com 88

anos, legando à sua família e amigos integridade e retidão, virtudes de uma pessoa que passou a vida comprometida com a melhoria de seus concidadãos.

De fato, quem conheceu Wilson Benathar sabe da sua inteligência política, pois não deixava seus correligionários recomendados para um embate político, mesmo após encerrar sua carreira, embasado na ampla experiência e visão política que granjeou ao longo de anos, o que lhe conferiu prestígio e respeito, tendo o nome registrado nos anais da história gurupaense.

2.2 - MEMÓRIA E IDENTIDADE JUDAICA

Pollak (1992) assegura que, para a abrangência e entendimento de um acontecimento em um determinado tempo vivido, há a necessidade de que projetemos a memória às experiências, às vivências em coletividade (Ibid., p. 2). Nesses termos, consideremos que a memória consiste em uma referência para a construção histórica de pessoas e povos, apesar de, inicialmente, compreendermos a memória como um elemento individual, pessoal e subjetivo.

Se analisarmos a jornada dos judeus pelo mundo afora, atentaremos para as múltiplas informações reunidas em função de sua legitimação. Observemos o caso de dos *bnei anussim* isto é, os “filhos dos forçados”, também chamados de *marranos* – meio-judeus e meio-cristãos, num esforço visceral frente à ortodoxia judaica, para retornarem ao Judaísmo.

Esta temática é discutida por Marcos Silva (2008), que apresenta em sua pesquisa o empenho dos descendentes de cristãos-novos de origem askenazita, que viveram na região do nordeste brasileiro. O autor discorre sobre interesse dos “filhos dos conversos” em retomar e revitalizar a comunidade judaica, a partir de sua cultura ancestral, uma busca pela identidade na década de 1970, no Rio Grande do Norte.

Silva (2008, p. 3) alude à resistência dos *marranos* potiguares nos anos de 1970, aos de Belmonte, em Portugal, que viveram secretamente a sua identidade por séculos, e que no início do século XX, após serem revelados ao mundo pelo judeu polonês Samuel Schwarz, passaram a servir como um modelo da luta pelo reconhecimento na fechada comunidade judaica (Idem).

Apesar de contar com um número pequeno de membros, o Centro Israelita do Rio Grande do Norte (CIRN), reconhecido e regularizado pela Confederação Israelita do Brasil (CONIB), chamou a atenção do mundo acadêmico e judaico. As suas análises desvendam uma mobilização dessa comunidade no combate às crescentes ofensivas neonazistas, bem como um movimento antissemita que emergia na sociedade natalense (SILVA, 2008, p. 9).

Assim como os *bnei anussim* e seus descendentes portugueses, os *marranos* potiguares criaram um comitê para coordenar ações elucidativas contra um grupo de universitários e suas campanhas que negavam o Holocausto, do mesmo modo foi realizada uma série de palestras para esclarecimentos sobre as atrocidades causadas pela II Grande Guerra, com depoimentos de quem vivenciou esse episódio histórico, como o jornalista Ben Abraham⁸⁵, este evento foi imperativo para repercutir positivamente junto aos segmentos sociais, instâncias governamentais, instituições federais e jornalísticas (SILVA, 2008, p. 10). O jornalista representou um símbolo de luta contra o antissemitismo em Natal e expressou o desejo dos remanescentes em voltar a professar as leis de Moisés. Esta atuação confirma a persistência dos *bnei anussim* em restabelecer e congregar no Judaísmo a sua origem, como certifica Le Goff:

Os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, mais não são do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem “na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui”. (LE GOFF, 1990, p. 424).

Nesta concepção de tradição, diferentemente, dos *bnei anussim* e seus descendentes que lutaram para retornar ao Judaísmo em Natal/RN, os grupos judaicos que imigraram para a Amazônia, inicialmente seguiam as tradições à sua maneira, como forma de se manter filiado a sua origem judaica, porém foram tragados pelos costumes cristãos.

Apesar das dissidências na comunidade judaica, há grupos de sefaraditas brasileiros que envidam esforços junto aos *marranos* brasileiros no propósito da conversão, e constatamos, mais uma vez, a tecnologia como uma grande aliada nesse processo, com ampla divulgação nas redes sociais, na expectativa do empoderamento do movimento no Brasil⁸⁶, como desempenham a comunidade hispano-portuguesa. Segundo Rita Benhatar:

Os *bnei anussim* são acusados de *Chazaká*, ou seja, não terem força de tradição pela qual se define alguém como judeu, e o empenho da comunidade judaica hispano-portuguesa é para fortalecer a luta daqueles que estão de acordo como a *Halachá*, o retorno ao Judaísmo. O movimento defende o processo de conversão e o resgate das tradições sefaraditas da comunidade hispano-portuguesa da qual ele descende. Ou seja, há um retorno para todos os *bnei anussim*, seja por um retorno formal ou por um processo de conversão ao Judaísmo. É ainda nosso objetivo ajudar pessoas com potencial origem judaica a buscarem suas raízes, por meio da investigação de tradições e genealogias.⁸⁷

⁸⁵ Abraham em hebraico significa “pai das multidões”, o patriarca do povo de Israel. Neste sentido, Ben Abraham faz referência ao filho amado de criador do povo hebreu.

⁸⁶ Publicação de Ilana Köhler no Grupo Anussim Brasil. <http://m.facebook.com/groups>. Acesso em: 3 jan. 2015.

⁸⁷ Entrevista via *online*, concedida em novembro de 2015.

O discurso de Rita consolida a sua raiz judaica, o que ela denomina de “memória genética”, e conclui enfatizando o pouco interesse dos descendentes de judeus em “Resgatar o que foi esquecido [...] e que não devemos esquecer”.

Mesmo com a retirada em massa dos judeus sefaraditas das terras gurupaenses no início do século XX, essa memória judaica vem sendo fortalecida ao longo dos anos, pelos poucos descendentes que permaneceram no município, porém lhes faltam informações e, até mesmo, demonstram algum desinteresse.

Porém, isso não se aplica ao suboficial do Exército Brasileiro, Sthéfano Benathar, de 44 anos, neto de Wilson Benathar. Ele mora há cerca de 10 anos em João Pessoa, Paraíba, e lamenta não ter tido escolha religiosa quando menor, mas sente-se “uma pessoa de sorte” e se orgulha de ser descendente de judeu: “somos abençoados por Deus, fomos escolhidos por ele para seguir seus ensinamentos”. Sthéfano menciona que para o controle do Exército sua opção religiosa é o Judaísmo, por isso é respeitado, e as datas festivas são revertidas como repouso, “mas nos dias ditos normais o negócio é puxado”. Sua rotina no Exército não o permite seguir os ensinamentos da Torá, mas pretende segui-los “no futuro”, e entende que “a verdadeira bondade está dentro de nós, em nossos corações, é esse o propósito do povo judeu do qual faço parte”, e, ressalta que o seu sobrenome é um rótulo, o importante é como ele se vê. Lourenço Neto (2008) resume a conduta de Sthéfano em Isaac Deustcher: “a partir de uma reflexão pessoal, considera que a identidade judaica é principalmente um legado cultural que, embora guarde alguma relação com a religiosidade judaica não está delimitada por ela.”

Quanto à criação de seus filhos, Sthéfano declara que mostra a eles o que sabe e o que gostaria que soubessem a respeito de sua descendência, e visibiliza oportunidades de formação educacional e profissional através dos colégios israelitas em Recife e Universidades em Israel.

A regularidade dos pensamentos entre os irmãos é similar no que tange as peculiaridades do universo judaico. Márcia Benathar, 46 anos, professora em Gurupá, conhecida pela sua austeridade, interpretando-a como um legado de seus ancestrais, que suportaram a repulsa e a dureza de uma vida de recomeço diário, afirma: “me sinto vitoriosa, vencedora, me orgulha de minha descendência”, exaltando seu nome como “um bem mais valioso”. Essa reflexão foi transmitida ao seu filho Zyon Benathar, de 19 anos, estudante. Ele analisa o nome como uma raiz que perpetua a origem de um povo que contribuiu para a história de Gurupá: “apesar de tudo que eles passaram na vida, e em Gurupá, também”, e conclui: “sei que não sou judeu, mas me vejo, me sinto judeu, acho importante saber dessa relação deles com o lugar em que nasci, e mais, da história do meu bisavô Wilson como homem que honrou seus antigos”.

Semelhante aos Benathar, os netos de Simão Benayon têm um grande respeito e valorizam o nome que carregam. Dico Camarão alega que “não é só um nome, mas uma história que continuaremos a escrever, honrando a memória do meu avô, fico feliz quando alguém associa meu nome ao homem correto que era ele”. Poíta, sua esposa, lembra-se das vezes que foi a capital paraense para acompanhamentos médicos e se deparou com as frequentes perguntas relativas ao seu nome: “a senhora é descendente de judeu?”, “a senhora sabia que os Benayon são pessoas de muito prestígio no mercado?”, e finaliza dizendo: “isso nos deixa orgulhosa”.

Michael Pollak (1992) analisa esse debate sobre a memória e identidade social como um elemento construído pelas circunstâncias históricas na qual o sujeito vivenciou o fato, ou de acontecimentos vividos por grupos que ele alega pertencer, consistindo em uma herança, o que o autor chama de “vividos por tabela” (POLLAK, 1992, p. 2). Desse modo, a memória constitui uma organização individual e coletiva que é manipulada segundo a maneira em que está sendo expressa.

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p. 5).

No entanto, Hamilton, filho de Wilson Benathar, bem como seus outros netos, Larissa, de 36 anos, e Mauro Benathar, de 40, esses últimos professores, veem a imigração judaica como um acontecimento efetivo para a formação da população brasileira e, principalmente, amazônica. Reconhecem a sua ascendência, porém preferem manterem-se reservados a qualquer outra discussão. Esta atitude parcimoniosa foi reiterada ao longo da pesquisa, pelas pessoas interpeladas quanto à temática, especificamente os Aben-Athar/Benathar, que mantiveram a discrição sobre o assunto, suscitando novos questionamentos.

Quais pretextos justificam essa conduta de silenciar uma história? Visto que as experiências vivenciadas ou herdadas, mencionado por Pollak, são um componente fundamental para criação de um sentimento de identidade. E a ausência dessas lembranças é um indicativo da indiferença quanto ao sentimento de pertença?

Em Gurupá, para alguns sujeitos a constatação da descendência é meramente uma consequência natural; não há distinção histórica entre seus ancestrais e os nativos, consideram

a chegada dos judeus à região como um fato sem largas proporções, ignorando o contexto e o desdobramento deste evento.

Quando perguntado ao Zito Sicsú como ele se vê em relação ao nome, ele releva que é somente uma herança adquirida de seus pais; não faz referência alguma aos judeus, e salienta a falta de curiosidade em conhecer os parentes. Da mesma forma, Marcos Bahia Benathar de 34 anos, neto de Néelson Benathar, assume o desconhecimento quanto à história de seus antepassados: “não sei nada e não me atormento por isso, de alguém eu tinha que vir, e não me imagino, em nada, como essas pessoas”, declara com veemência.

Menahem Benathar revela que, apesar da pouca convivência com o pai – tinha apenas sete anos por ocasião da sua morte, preserva as lembranças referentes a ele, e ressalta a frágil relação que mantivera com os irmãos no decorrer do tempo: “convivemos pouco juntos, cada um seguiu sua vida, mas sempre teve respeito entre nós”. Em conversa informal com sua filha Missiana Gonçalves Benathar, professora, ela comenta que este assunto lhe chama a atenção, visto que “lá” estão suas raízes, porém nunca se deteve a buscá-las com a devida importância, embora acredite que herdou dos seus antepassados a astúcia política, além do tino comercial⁸⁸.

Contudo, tanto aqueles que descendem dos judeus imigrantes do século XIX, quanto os que desconhecem a sua procedência, como boa parte da população da cidade, harmonizam suas observações quando se refere ao cemitério israelita existente em Gurupá. Para eles, este lugar é o indicador de toda a memória judaica existente no município, apreendendo uma história secular postergada pelos vultos da história gurupaense, bem como pelo descaso natural oriundo da falta de conhecimento acerca dos judeus que aportaram nesta região, sendo o “cemitério dos judeus”, como é conhecido pelos populares, uma ferramenta importante para a compreensão e consolidação da memória sobre esses imigrantes nessa terra.

2.3 - CEMITÉRIO DOS IRAELITAS DE GURUPÁ

Na ocasião das perseguições, expulsões e exclusões ibéricas, os judeus passaram a se reunir em *juderias*, *melahs*, *aljamas*, nomes dados aos locais segundo as regiões que se alojavam, e por esta segregação imposta, eles passaram a ter também seus próprios cemitérios, de maneira que pudessem realizar suas orações conjuntamente, conforme os seus costumes (PAIVA, 2010, p. 37).

⁸⁸ Missiana é atuante nas campanhas políticas de Gurupá. Segue as tendências partidárias de seu avô, Jacob Marcos, e do tio Wilson Benathar.

Com a grande dispersão dos judeus mundo afora, foram instituídos espaços para sepultar seus entes queridos, e na Amazônia não foi diferente. Benchimol (2008, p. 73) assegura que, desde o início do século XIX, por volta de 1810, há indícios da presença desses imigrantes no cenário amazônico e, por conseguinte, passaram a surgir limites de terras para que os judeus pudessem conduzi-los ao descanso final. O autor elenca centenas de sepulturas judaicas espalhadas nos diversos cemitérios nos confins da região tocantina e na região do alto ao baixo Amazonas (Ibid., p. 226). Entretanto, não consta qualquer registro na obra deste autor sobre o cemitério judaico de Gurupá, que remonta à época da chegada dos imigrantes judeus de origem sefaradita por estas terras amazônicas, em busca de liberdade religiosa e na esperança de uma vida melhor, uma vez que a região passava por um período próspero com a exploração da borracha, no final do século XIX e início do XX.

Em Gurupá, o cemitério judaico está situado às margens da Rodovia dos Trabalhadores, próximo à escola estadual Marçílio Dias. Sua localização deve-se à distância que ficava do centro, durante a passagem desses imigrantes pela cidade.

As evidências da presença judaica em terras gurupaenses datam de 1885, a partir das análises em livros do Cartório Lobato⁸⁹: registros de terras, nascimentos e óbitos – este último revela com exatidão e brevidade as causas mortis (impaludismo, malária, vermes intestinais, inflamação no fígado), além do registro de terras do ICMBio, bem como nas lápides do cemitério judaico da cidade.

Porém, entre as sepulturas dispostas no cemitério, há uma lápide feita de cimento cru, com inscrições em hebraico, que remonta do início do século XIX (Figura 17), como asseguram Rita Benhatar, juntamente com o seu primo judeu que reside em Israel.

Figura 17 - Pedra tumular com inscrições em hebraico, no cemitério dos judeus em Gurupá.

⁸⁹ Os registros mencionados são apontados no decorrer desta pesquisa.



Fonte: Cássia Benathar, 2014.

Ao analisarem a imagem da pedra tumular, ambos revelaram o túmulo de Jakov, filho de Mordejay, falecido em 28^o mês de Elul no ano de 5568⁹⁰, no calendário cristão 20 de setembro de 1808, pressupondo que os primeiros grupos de judeus vindos para a Amazônia, registrados por Benchimol (2008), deixaram vestígios em Gurupá. Em seu túmulo, segundo Rita, estão descritas as características físicas de Jakov, assim como a forma como ele morreu:

É um antigo hebreu [...] e de acordo com o que eu estudei tanto quer dizer [...]. É Jakov filho Mordejay, alto, grandalhão. Algo de ruim aconteceu com ele, eu vejo uma morte cruel, algo que é escrito em três dias, (... escrito na Cabala que mantém o mau-olhado) e morreu em 28^a mês de Elul no ano de 5568 [...] ele morreu de um uma forma brutal = feio. E depois deste escrito, que ele descanse em paz.

O espaço reservado ao descanso final dos judeus em Gurupá consta de trinta e uma sepulturas, sendo que nove destas se encontram em estado irrecuperável, atribui-se a essa realidade à ação do tempo, aos roubos com o interesse na comercialização do mármore e, do mesmo modo, as sepulturas que passaram por um processo de reconhecimento,

⁹⁰ O calendário judaico existe há mais de três mil anos. Sua contagem se diferencia do calendário gregoriano, por ser lunissolar, ou seja, baseados na rotação da lua e do sol, mas somente os meses seguem as fases da lua, porém leva-se em consideração as estações do ano, assim os meses podem ter 29 ou 30 dias em cada mês do calendário, isso nos mostra um ano lunar de 354 dias, 11 dias menos do que o ano solar. Elul é o sexto mês do calendário, no qual são aguardadas as grandes festas: Rosh Hashaná e Yom Kipur. É considerado o “mês do arrependimento”, “mês da discórdia” e o “mês do perdão”. Disponível em: < www.chabad.org.br/datas/calendario>. Acesso em: 22 nov. 2015.

remoção e transferência dos restos mortais dos falecidos para que ele pudesse descansar perto dos seus.

Paulo Rodrigues reside em frente ao cemitério desde os anos de 1970. Nesse período eram terras de vastos seringais⁹¹, e relata que na época da sua mudança, as pessoas o condenaram a não prosperar, por morar próximo ao lugar onde estão sepultadas “pessoas de sangue ruim”, conta ele: “[...] tu nunca vai ter nada na vida”, eles diziam, “e até hoje eu tô por aqui, faz quase 50 anos”. A expressão “sangue ruim” é atribuída às marcas históricas trazidas pelos judeus, usada para hostilizá-los, e por muitas vezes foram afrontados por causa dessa ideia⁹². Ele narra histórias de pessoas que vêm à cidade para conhecer, pesquisar e “até buscar os ossos de parentes” do cemitério dos judeus.

Assim como Paulo, sua esposa, Raimunda, também prestava serviço ao Wilson Benathar, que ficou encarregada da limpeza do cemitério onde repousam os restos mortais dos seus antepassados. Nesse período, segundo ele:

O seu Wilson tinha muito zelo pelo cemitério, ele pagava a Sabá pra fazer os serviços de limpeza do lugar, capina, lavagem das catacumbas, ele dizia que além de seu pai, Jacob, seu avô, Marcos Jayme, também estava enterrado aí. Esse cemitério era todo murado (aponta em direção a ele), tinha na frente um pequeno portão com uma cobertura de telha e escadas de cimento, bem cuidado, depois que a caçamba entrou aí, quebrou tudo [...] Fora as pessoas que entravam aí à noite pra roubar as placas de mármore da catacumba, o pessoal dizia que era muito valioso; quebraram muitas delas.

Dos túmulos existentes, preparados em cimento cru e outros em mármore, vinte e dois dispõem das lápides com inscrições em hebraico, o que fundamenta a prática judaica por esses imigrantes, e somente quatro dessas têm traduções em português, que datam do início do século XX, marca da assimilação desses judeus pela cultura amazônica; e outras nove estão sem condição de reconhecimento (Figuras 18 e 19).

Figura 18 - Lápide com inscrições em hebraico no cemitério dos judeus em Gurupá.

Figura 19 - Lápide com inscrições em hebraico e português no cemitério dos judeus em Gurupá.

⁹¹ Terras, ora pertencentes ao comerciante Lage, que antes de ir embora de Gurupá, as doou ao Wilson Benathar.

⁹² Para Caldeira Neto (2010, p. 26), “o antissemitismo é um fenômeno discriminatório e intolerante que tem uma característica de longa duração histórica, porém com diferentes configurações e estratégias de tais práticas.” O autor discorre em seu artigo sobre a recente e crescente onda de discriminação nas redes sociais, nas publicações de livros e nas ruas, do Negacionismo no Brasil, força resistente que rejeita os episódios protagonizados pelos nazifascistas na II Guerra Mundial.



Fonte: Cássia Benathar, 2014.



Fonte: Cássia Benathar. 2014.

Em 1959, na gestão do Sr. Wilson Jacob Benathar, as terras do cemitério foram regularizadas e doadas ao Centro Israelita do Pará (CIP), a certidão que comprova esta doação está sob a guarda de seus familiares⁹³. Este ato de reconhecimento pelo CIP agrega valor na trajetória desses imigrantes, de modo que as análises das lápides desvendam marcos da passagem desses estrangeiros por terras gurupaenses, solidificando-as de modo contundente.

Segundo informações de Dico Camarão e Poíta, os últimos judeus a serem sepultados neste cemitério foram Jacob Marcos Benathar (Aben-Athar), em 1950, e Simão Benayon, em 1953. Isso se deu, inclusive, pela saída definitiva dos Castiel, em 1943, os últimos praticantes do Judaísmo em Gurupá, que se responsabilizavam pela limpeza do lugar: “Deste, a família Bensabá se incumbe” (JURANDIR, 1978, p. 31)..

Na perspectiva de se ter um espaço reservado para estar junto aos seus irmãos após a morte, há um modo do “viver judeu” amazônico que exige também rituais a serem seguidos na ocasião da morte. Semelhante a outros princípios judaicos, esta cerimônia também está envolta numa simbologia de elementos que os levam ao início da criação: “você é pó, e ao pó voltará”⁹⁴.

Para muitos imigrantes judeus da Amazônia, preservar esse ritual era mais uma confirmação no universo judaico, um momento em que ricos e pobres não se diferenciam. No

⁹³ Livro de Registro de Leis, folhas s/nº, Lei Municipal nº 104 de 17 de agosto de 1959.

⁹⁴ Gênesis, 3,19.

entanto, no interior da Amazônia, para que isso fosse possível era necessário que muitos judeus instruísem as pessoas, geralmente de estimada confiança, para cumprirem a formalidade.

No decorrer da pesquisa em Gurupá, algumas informações cruzam com o que poderia ser um momento de extrema obediência ao viver sob os preceitos da Torá. Dico Camarão conta que Simão Benayon instruiu o seu genro e empregado, Antonio de Pádua Camarão, quanto aos procedimentos neste momento de humildade e submissão.

Meu pai nos contava que meu avô pediu a ele que ficasse responsável em fazer toda a cerimônia do enterro dele. Quando ele morresse, era pra lavar o corpo dele e enrolar numa peça completa de tecido branco, aqui em Gurupá só vendia o morim. Depois era pra fazer um caixão reto, sem a curva do braço, de madeira pura, sem tampa. Depois de pronto tudo isso, era pra levar pro cemitério onde estavam os seus conterrâneos, lá na cidade. Ele morreu no Carrazedo, e assim meu pai fez.

Dona Ermínia dos Santos Maués, de 78 anos, descreve o que assistiu a morte de Jacob Marcos Benathar, em 1950.

Eu tinha 13 anos, mas me lembro como se fosse hoje, quando o seu Jacob morreu. Ele veio lá do Ipixuna, onde morreu de malária, quando o corpo chegou na cidade, o pessoal gritava na rua: “o judeu morreu, o judeu morreu”. Aí, a minha mãe foi lá pra ver o cadáver [...] viu nada, a família proibiu. Mas aí, eu como criança curiosa, fui por trás da casa, que era aberto, e lá embaixo, na ribanceira, tinha um homem, o Aristides, lavando um corpo no rio, ele esfregava sabugo de milho no corpo dele. Depois de lavado, ele subiu carregando o corpo e entrou na casa⁹⁵. A Deborah, que era filha do seu Jacob me contou tudo depois: da peça de morim que enrolaram todinha no seu Jacob, do caixão de madeira, e quem ficou responsável por isso foi o seu Aristides, não sei quem era, mas acho que era homem de confiança deles. Eu lembro que esse homem passou durante sete dias levando alimento pro morto no cemitério⁹⁶, aquele que só é enterrado judeu.

Este ritual descrito sobre a morte desses judeus, mesmo em terras remotas, assemelha-se ao previsto pela lei mosaica, cujo rito o prepara para o julgamento, momento em que todos são iguais em presença do Criador: a lavagem do corpo após a morte remete a seu nascimento, a purificação – *tahará*, pois o corpo aloja a alma, e este veio ao mundo limpo e puro; o uso do tecido branco para envolver o corpo simula a mortalha branca, que simboliza a simplicidade, visto que essas vestes definem o que são na presença de Deus – nem ricos e nem podres, mas simples mortais, assim como o caixão de madeira simples, sem adornos, sem flores, para que comporte um corpo em posição ereta, sem as curvas dos braços, pois estes são mantidos estendidos junto ao corpo; um caixão frágil, para que se deteriore o mais rápido possível. Logo que morre, o corpo deve ser encoberto – ele não pode ser exposto, pois isso sugere

⁹⁵ Ainda hoje há ruínas da escada de pedra feita na ribanceira da casa de Jacob Marcos Benathar. Segundo Luiza Benathar, a maioria dos donos das casas que estavam localizadas na primeira rua mantinham seus portos com um pequeno trapiche de madeira, mesmo aqueles que moravam no lado oposto da rua, às margens do rio.

⁹⁶ Ermínia Maués acredita que a comida era para o zelador da sepultura.

desrespeito à pessoa que viveu e a limitação deste à morte, de forma que todos conservem na memória a imagem da pessoa em vida, e que o falecido alcance a dimensão espiritual brevemente. No Judaísmo, na certeza da morte, o sepultamento deve ser providenciado, se possível no mesmo dia, pois enquanto o corpo não for enterrado, a alma do falecido não repousará, e este ritual somente é adiado em dia sagrado para o judeu, no *Yom Kipur* e no *Shabbat* – neste caso, espera-se o período terminar⁹⁷. Portanto, sobre as mortes de Jacob Marcos Benathar e Simão Benayon, a cerimônia deste momento sublime e de aliança às raízes judaicas irrompeu a distância e as dificuldades.

Não há informações sobre outro cemitério judeu no município, embora não se descarte a probabilidade da existência de algum na região, considerando a sua extensão territorial, assim como o sepultamento de judeus por morte repentina, não obedecendo ao procedimento judaico, pela falta de conhecimento do ritual – ou algo semelhante em covas rio adentro.

No Carrizado estão as sepulturas dos filhos de Simão Benayon, porém, segundo os netos, nenhum deles seguiu os princípios judaicos, apesar de renunciarem a alguns padrões ditos cristãos, a exemplo dos sacramentos: batismo, eucaristia, crisma e outros. Dona Dinair Benayon afirma que seu primo não permitiu que seus filhos fossem batizados na igreja católica, alegando que nasceram assim, “puros”, e o que se sabe com relação a isso, nenhum deles se converteu ao catolicismo.

Durante as constantes idas ao cemitério para coleta de dados, foi possível ouvir comentários referentes à minha presença naquele lugar, como: o que tem demais nessas sepulturas? Será que ela entende o que está escrito nelas?

Pierre Nora (1993) discorre sobre os “lugares de memória”, que revelam determinados tempos históricos. Para o autor, esses lugares “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notoriar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p. 7). Neste sentido, o cemitério dos israelitas de Gurupá é um “lugar de memória”, que remete a um período histórico do município há muito silenciado, além do (re)conhecimento da passagem daqueles que estiveram presentes nos tempos de grande riqueza em Gurupá e o seu papel no desenvolvimento da cidade, uma história manifestada a partir da necessidade de se constituir e de encontrar suas raízes.

Negar o uso desse lugar como um instrumento de leitura e reconstrução para registro de vida incide em atitudes desinteressadas pela sua própria história, como legitima Le Goff:

⁹⁷ Disponível em: <www.chabad.org.br/ciclodavida/Falecimento_luto>. Acesso em: 2 fev 2016.

Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1990, p. 426).

Desde o incidente com a invasão da caçamba no espaço do cemitério, este local encontra-se em total abandono. A limpeza da área é feita pela Prefeitura Municipal de Gurupá, que fará um trabalho de recuperação do ambiente dos três cemitérios desativados na cidade, a saber: Cemitério da Irmandade de São Benedito, o de Santo Antonio, que remonta ao período colonial, e os dos judeus, no sentido de coibir o vandalismo e a total destruição do memorial como fonte de informações da história de Gurupá.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as análises acerca da trajetória dos imigrantes judeus em Gurupá, desde a sua chegada ao final do século XIX, foi possível comprovar a forte presença desses estrangeiros num momento de desenvolvimento e de formação de uma sociedade entusiasmada pelos rendimentos financeiros a partir da intensa e transitória exploração da seringa nos vales amazônicos.

As narrativas sobre esses sujeitos há tempos vêm sendo subjugadas pelos acontecimentos históricos de Gurupá, cuja historiografia busca nos episódios dos grandes colonizadores da América justificar a sua própria história, silenciando por mais de um século uma importante e forte movimentação econômica no município, colocando-os como meros coadjuvantes.

Partindo desse pressuposto, esta pesquisa permitiu tirar do anonimato pessoas comuns, porém de grande relevância para a formação da população gurupaense, que contribuíram nos aspectos econômicos e sociopolíticos e, do mesmo modo, desvendando uma rede consistente entre os imigrantes judeus para a preservação da tradição judaica em meio à vastidão da América verdejante, da capital paraense ao alto e baixo Amazonas, assim como demonstrou que a maioria dessas famílias de origem marroquina ocupou amplas áreas na Ilha Grande Gurupá, consolidando-as como comerciantes e proprietárias de vastos seringais, homens que ascenderam socialmente, e obtiveram prestígio e respeito em meio ao um contexto de grandes negociantes, igualando-se aos “coronéis” da época. Embora tenha se observado que a saída de muitos judeus dessa região deveu-se ao declínio da produção da borracha no início do século XX, entendendo que as terras gurupaenses deixaram de ser promissoras, uma vez que a imagem desses sujeitos está vinculada à prosperidade, muitos acreditam que a real circunstância não oferecera expectativas favoráveis para mercado algum naquela região.

Para tanto, vale destacar a preponderância das famílias Aben-Athar e Benayon, judeus que atravessaram a história e instituíram uma elite política e comercial, respectivamente, estendendo-se a exemplos de homens dignos de reverência. Além de comprovar o domínio sobre a extensão territorial que os judeus detinham na região, ressaltou o assentamento das terras do rio Moju, de propriedade do judeu David José Sicsú.

As análises documentais demonstraram também que não houve registro de união civil entre os judeus em terras gurupaenses, sem descartar a possibilidade dessas ocorrências quando dos encontros esporádicos rio adentro, como afirmou Alegria Castiel, bem como os casamentos com as mulheres “não judias” não foram concebidos, como manda a tradição

judaica caracterizando-os amasiamentos. Entretanto, notou-se que, embora os filhos dessas uniões não fossem considerados judeus, muitos deles receberam nomes de seus antepassados, como homenagem aos entes queridos, carregando no nome uma carga histórica que remonta a uma tradição milenar.

Ainda nessa discussão, ficou evidente que a alteração dos nomes judaicos se deu pelos erros cartoriais, conferido pela pronúncia impregnada do sotaque de origem espanhola, cuja procedência se refere aos judeus sefaraditas, como é o caso dos Aben-Athar, que atualmente alguns são grafados como Benathar: “Ben” de Benjamin, filho amado de Deus.

Ainda das apreciações oficiais, testemunhamos nascimentos e mortes de judeus, confirmando essas observações em visita ao cemitério israelita localizado na cidade de Gurupá, que se encontra em ruínas, sustentando a ideia de um núcleo consistente de imigrantes sefaraditas naquele local. O cemitério judaico consiste em um lugar de memória para os moradores da cidade, embora não receba o cuidado e o valor que merece para a sua conservação como um importante vestígio deixado pelos estrangeiros judeus que por ali chegaram ao final do século XIX. Para um povo que professa quatro séculos de cultura, a pesquisa comprovou a necessidade de reconhecer nos seus antepassados os substratos de seu presente. Do mesmo modo, que o uso da memória como fonte de pesquisa, possibilitou trazer à luz da história, a valorização das experiências desses sujeitos.

Há ainda muitas questões a serem elucidadas, tanto sobre os destinos dos descendentes dos judeus que saíram de Gurupá, como também a respeito dos que ficaram: os Benathar e os Benayon. Continua para nós a possibilidade de compreender a trajetória desses remanescentes como um sujeito autor de sua própria história.

Finalmente, pretendo que ao longo deste trabalho, a escolha do tema e a abordagem possam ter contemplado o leitor, utilizando este estudo como uma abertura para múltiplas possibilidades de estudos referentes à presença dos judeus em Gurupá.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Keila. O ninho das aves de arribação: famílias migrantes cearenses em Santarém-Pará. In: CANCELA, Cristina Donza; CHAMBOULEYRON, Rafael. (Orgs.). **Migrações na Amazônia**. Belém: Açaí, 2010. (Coleção Fronteiras Impertinentes).

ALENCAR, Edna Ferreira. Gente de todas as paragens: retratos da imigração no Pará. In: CANCELA, Cristina Donza; CHAMBOULEYRON, Rafael. (Orgs.). **Migrações na Amazônia**. Belém: Açaí, 2010. (Coleção Fronteiras Impertinentes).

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

BENCHIMOL, Samuel. **Eretz Amazônia** – Os judeus na Amazônia. 3ª edição revista. Manaus: Editora Valer, 2008.

BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

BLAY, Eva Alterman. Gênero, resistência e identidade: imigrantes judeus no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v. 21, n. 2, 2009.

BORGES. Luiz Adriano Gonçalves. Notas sobre o conceito de elite no Brasil dos Oitocentos. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA: HISTÓRIA E LIBERDADE, 20. 2010, Franca. **Anais...** Franca: ANPUH/SP; UNESP-Franca, 2010.

BRASIL. **Decreto nº 19.710**, de 18 de Fevereiro de 1931. Lex: Coleção de Leis do Brasil. 31/12/1931. p. 164. Publicação Original 1931-02-21. Diário Oficial da União. Seção 1. 21/02/1931. p. 2549.

CUNHA, A. F. R. da. **Introdução à fonologia da hakitía**. 2009. 60f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. O antijudaísmo como propaganda política no Reino de Castela. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 2013, Natal. **Anais...** Natal, 2013. p. 13. Disponível em: <www.snh.2013.anpuh.org>. Acesso em: 14 mar. 2016.

FONSECA E SILVA, Janaína Guimarães. **Modos de pensar, maneiras de viver: cristãos-novos em Pernambuco no século XVI**. 2007. 159f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.

HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Tradução Célia Maria Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1990.

JURANDIR, Dalcídio. **Ribanceira**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1978.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. Campinas: EdUNICAMP, 1990.

LOURENÇO NETO, Sydenham. **Imigrantes judeus no Brasil, marcos políticos de identidade**, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.com> . Acesso em: 17 maio 2015.

MAUÉS, Raymundo Heraldo; GUIMARÃES, Larissa Maria de Almeida. **Dietética judaica e relações de gênero: práticas em espaço familiar**. Florianópolis, 2008. Disponível em: <www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST6/Maues-Guimaraes_06.pdf>. Acesso em: 17 maio 2015.

MIZRAHI, Raquel. **Judeus, do descobrimento aos dias atuais**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005. (Série Lazuli, Imigrantes no Brasil).

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

ODILON, C. N. **Entre a web, os textos e as ruas: práticas antisemitas no Brasil contemporâneo**. Akrópolis Umuarama, v. 18, n. 1, p. 25-36, jan./mar. 2010.

PAIVA, Paula Gama de. **Religião, negociação e família: um estudo antropológico sobre o Casamento judaico em Manaus**. 2010. 116f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

PARÁ. ICMBio. **Levantamento dos registros, títulos e processos de concessão de terras pelo estado do Pará município de Gurupá**. Gurupá: ICMBio, 2004.

PINHEIRO, Nuno. **Fotografia e História social: utilização da fotografia como fonte para a História**. Revista Estudos do Século XX. Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra nº 11, 2011. Disponível em: <<https://digitalis-dsp.uc.pt>>. Acesso em: 16 mar 2016.

PINTO, Surama Conde Sá. Só para iniciados... o jogo político na antiga capital federal. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27. 2013, Natal. **Anais...** Natal, 2013. p. 13. Disponível em: <www.snh.2013.anpuh.org>. Acesso em: 16 fev. 2015.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Revista Tempo**. Rio de Janeiro, v.1, n. 2, 1996.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na historia oral. **Projeto Memória**, São Paulo, n. 15, 1997.

ROSENBLATT, Sultana Levy. Como viemos parar na Amazônia. **Revista Morashá**, n. 30, set., 2000.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém, riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)**. 3. ed. Belém: Paka-Tatu, 2010.

SHARPE, J. A História vista de baixo. In: BURKE, P. (Org.). **Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: EDUNESP, 1992.

SILVA, Marcos. **Retorno ao Judaísmo no Nordeste Brasileiro: o caso dos marranos potiguares**. Aracaju: Departamento de História/Universidade Federal de Sergipe, 2008.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

FONTES DOCUMENTAIS

1) Entrevistas

Adelino Pantoja da Costa

Antônio Pinto

Antônio Saboia Filho

Benedito Vieira

Ermínia dos Santos Maués

Hamilton Silva Benathar

Jacob Marcos Benathar Teixeira

Larissa Taciana Lobato Benathar

Luiza Lobato Benathar

Manoel Francisco Evangelista de Matos

Manoel Mendes da Costa

Manoel Monteiro dos Santos

Marcia Nazareth Lobato Benathar

Marcos Bahia Benathar

Maria Viana Serra

Marina Lobato Cardoso

Marlucia Fernandes

Mauro Dennis Lobato Benathar

Max Cardoso Aben-Athar

Menahem Jacob Benathar

Moisés Jacob Benathar

Paulo Rodrigues Wanziler

Raimunda dos Santos Benayon

Raimunda Vieira Carvalho

Raimundo Benayon Camarão

Raimundo Sicsú

Rita Benhatar

Rosilda Pereira

Sandra Castiel

Sérgio Lins

Sthéfano Giovanni Lobato Benathar

Zyon Graziano Benathar de Jesus

- 2) **Livro biográfico “O bom doutor Aben-Athar”.**
- 3) **Livro de memórias “Gurupá dos Mariocays”, Benedito Sanches da Silva.**
- 4) **Jornal O Liberal 1º Caderno – Artigos. Ano, 1983.**
- 5) **Fotografias:** Alê Corrêa, Cássia Benathar, Sandra Castiel, Euniani Ramos, Rui Pena, Antonio Ronaldo Camacho Baena, Gilberto Benathar Ballod.

6) Documentos cartoriais:

a) Livro de nascimentos:

Registro de Nascimento. Termo: 4. p. 3. Ano 1888. Cartório Lobato.
 Livro de nascimento, nº 276, p. 40. Ano 1899. Cartório Lobato.
 Registro de Livro nascimento, Termo: 167/168. p. 93. Ano 1890. Cartório Lobato.
 Livro de nascimento, Termo: 226. p. 125. Ano 1891. Cartório Lobato.
 Livro de nascimento, nº 98, p. 40. Ano 1893. Cartório Lobato.
 Termo de Nascimento, nº 50. Ano 1936. Cartório Lobato.

b) Livro de óbitos:

Registro de Livro Óbito, p. 34. Ano 1887. Cartório Lobato.
 Registro de Livro Óbito. Termo: 256. Ano 1896. Cartório Lobato

Livro de notas:

Livro de notas, p. 40. Ano 1894. Cartório Lobato.
 Livro de Notas da Loja “Formosa Gurupaense”, ano 1894.

c) Livro de escrituras:

Registro de Escritura de hipoteca de casa. Livro (capa ilegível), p. 17. Ano 1893. Cartório Lobato.
 Registro de Escritura de hipoteca de casa. Livro (capa ilegível), p. 73. Ano 1896. Cartório Lobato.
 Registro de Escritura de dívida com hipoteca. Livro (capa ilegível), p. 40. Ano 1894. Cartório Lobato.
 Registro de Escritura de compra e venda. Livro (capa ilegível), p. 15. Ano 1892.

c) Livro de protocolo:

Registro em Livro de Protocolo, nº 3, p. 15 e 16 de julho de 1899. Cartório Lobato.
 Cartório Lobato.

d) Certidão:

Livro de Registro de leis, folhas s/nº, Lei Municipal nº 104 de 17 de agosto de 1959.
 Prefeitura Municipal de Gurupá.

**7) Documentos digitalizados cedidos por Gilvandro Torres.
 Disponíveis na Biblioteca do Centur em Belém.**

Cl. Cad. 2. p. 72. – D. Alegria.
 Cl. Cad. 2. p. 72. e ss. – 2. – D. Alegria.

C. p. 123. – Alimentação judeus – D. Alegria.
Cl. Cad. 2. p. 72. – D. Alegria.